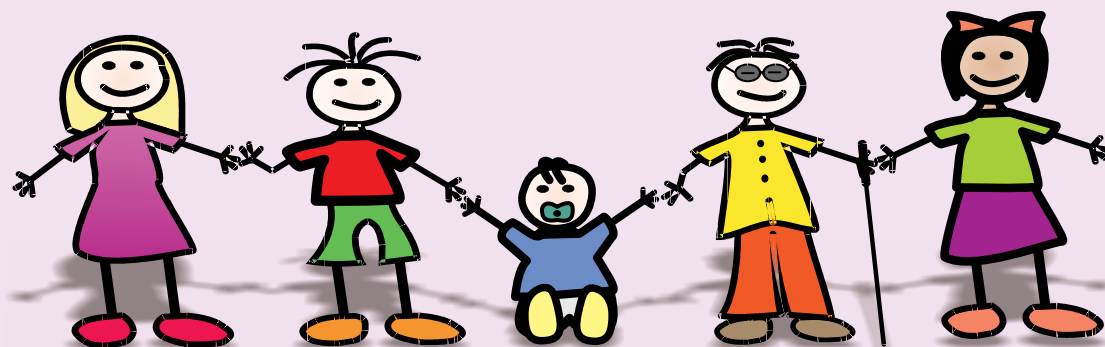
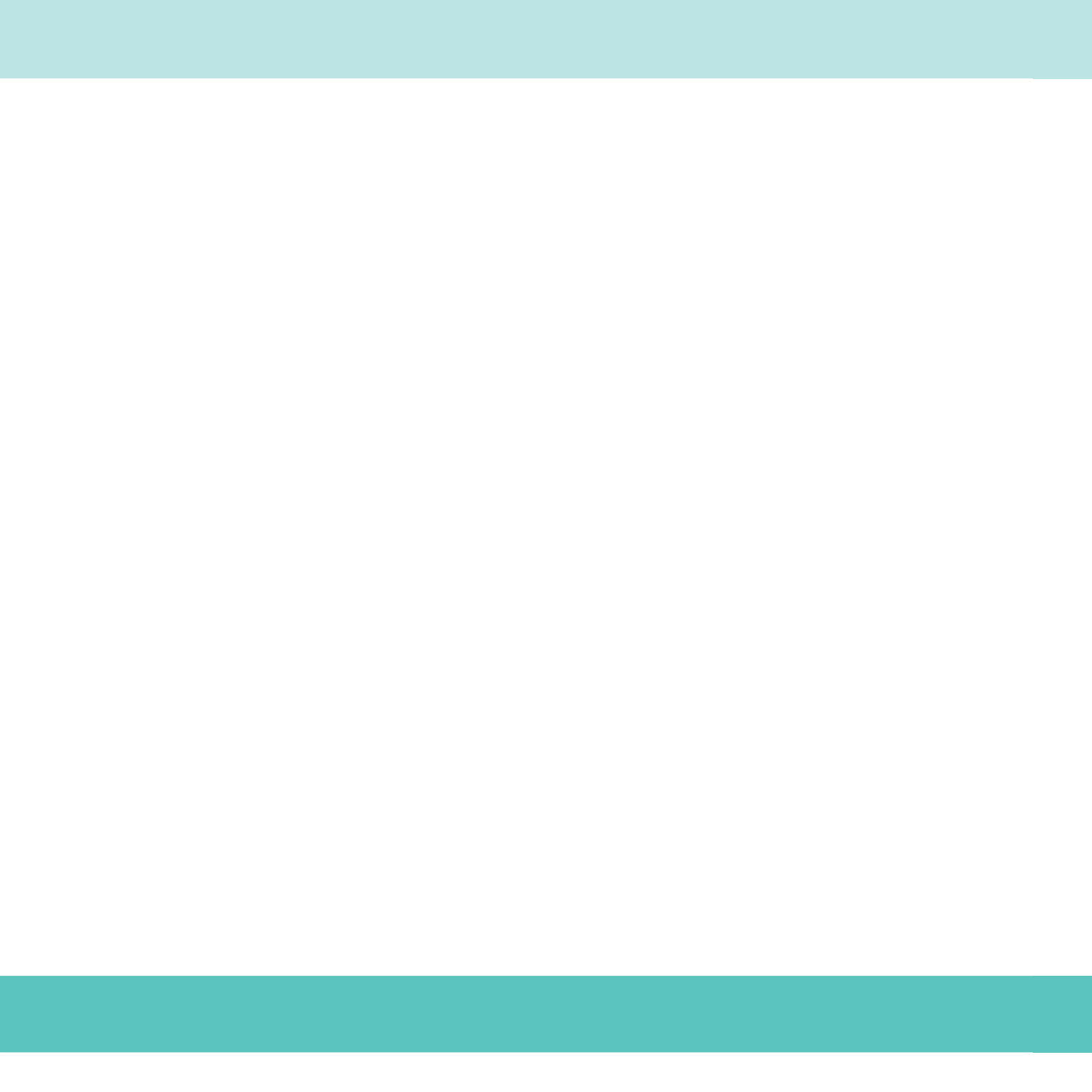


Proposta Curricular para Berçários

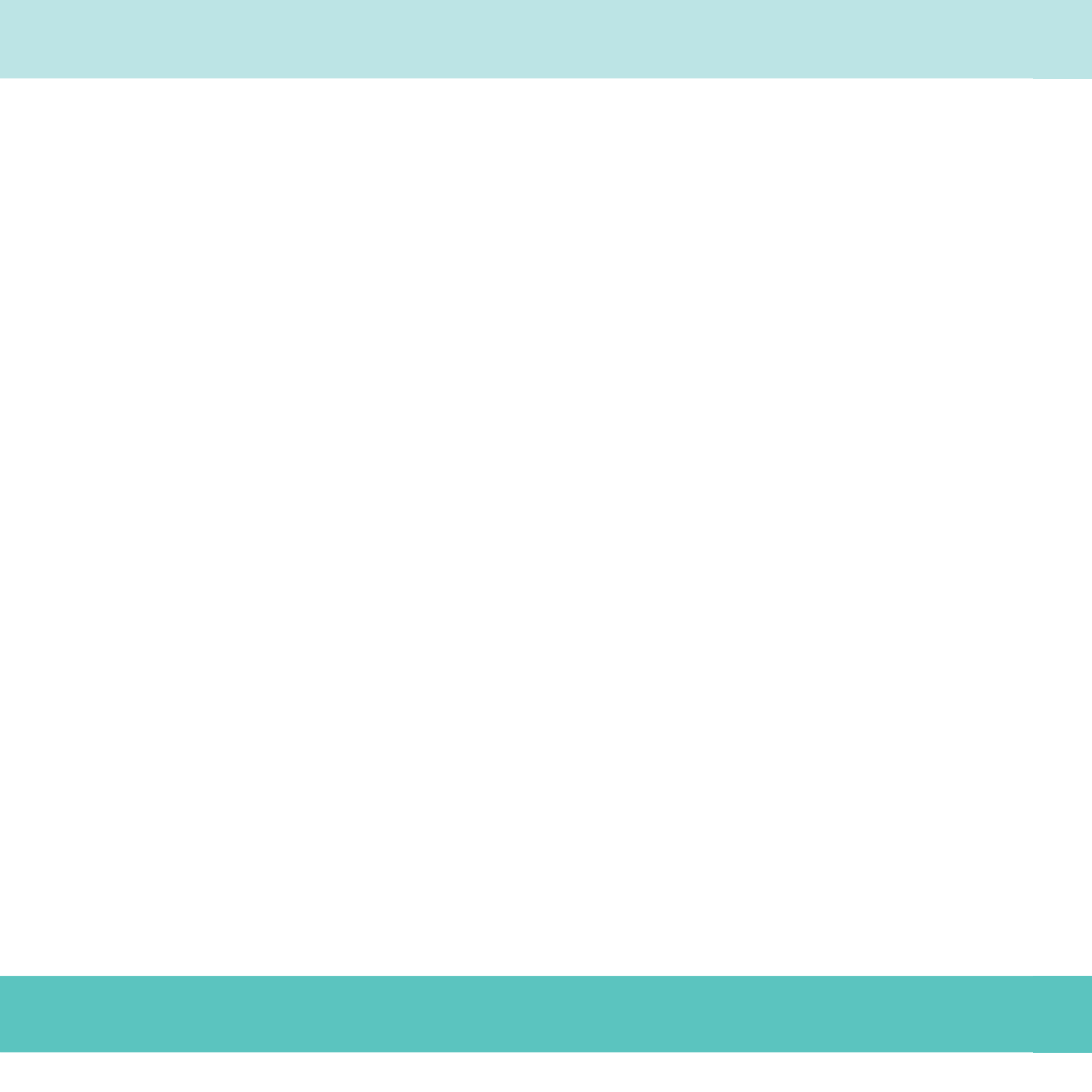
Educação Infantil



Cidade de
São José dos Campos
Prefeitura Municipal



Proposta curricular para berçários



Proposta curricular para berçários

EDUCAÇÃO INFANTIL
2009

Prefeitura do Município de São José dos Campos
Secretaria Municipal de Educação
Departamento de Educação Básica
Divisão de Educação Infantil

PROPOSTA CURRICULAR PARA BERÇÁRIOS, v.1
São José dos Campos,
Divisão de Educação Infantil, 2009.

ISBN: 978-85-61192-20-4

ARTE FINAL DA CAPA
Coordenadoria de Publicações Técnicas

REVISÃO GRAMATICAL
José Vicente de Miranda

PROJETO GRÁFICO
Magno Studio

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Patrick Vergueiro

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
Rua Prof. Felício Savastano, 240 – Vila Industrial
CEP: 12.220-270 - São José dos Campos – SP
Telefone: (12) 3901-2061 - email: cpeinfantil@gmail.com

Prefeito Municipal de São José dos Campos

Eduardo Cury

Secretário Municipal de Educação

Alberto Alves Marques Filho

Secretária Adjunta de Educação

Lourdes Aparecida de Angelis Pinto

Diretora do Departamento de Educação Básica

Rosemary Faria Assad

Chefe da Divisão de Educação Infantil

Sueli Silva Pereira Amaral dos Santos

Assessora da Divisão de Educação Infantil

Cintia Ebram Alvarenga Lima

ORGANIZAÇÃO

Márcia Maria dos S. Silvestre Roberto
Maria Cecília Salgado Gonçalves

ELABORAÇÃO

COORDENADORAS PEDAGÓGICAS DE
EDUCAÇÃO INFANTIL

Fátima Silvia de Barros Queiroz

Kelly Cristina Benassi

Marcia Catarina Gomes dos Santos

Márcia Maria dos S. Silvestre Roberto

Maria Cecília Salgado Gonçalves

Marlene Simões Martins

Mônia Adelaide Mendonça Pires

Neide Mansilha do Prado Simões

ORIENTADORAS PEDAGÓGICAS

Ada Lea Corrêa Yalmanian

Alessandra Fernandes Turci

Anadir Machado

Andréia C. de Oliveira Manfredini

Brígida Ap. Campbell Machado

Cássia Maria Vieira da Silva

Cristiane Patrícia de Araujo

Cristiane Moreno

Daise Fátima M. Graciano

Denise Moreira Silva Gomes

Elza Aparecida Lopes
Heloísa H. Correia dos Santos
Laudicéa de Barros Leite Pereira
Magna Aparecida Lopes Mioni
Maria Amélia de Pontes Santos
Maria Luisa de Paiva Peralta
Olga Silva de Souza Amorim
Patrícia Mara Pereira Pinto
Rosângela Benvindo
Rosângela Maria de Oliveira
Sandra Pereira de Carvalho
Sílvia Maria Nogueira Nese
Úrsula Goulart Lima Ravon

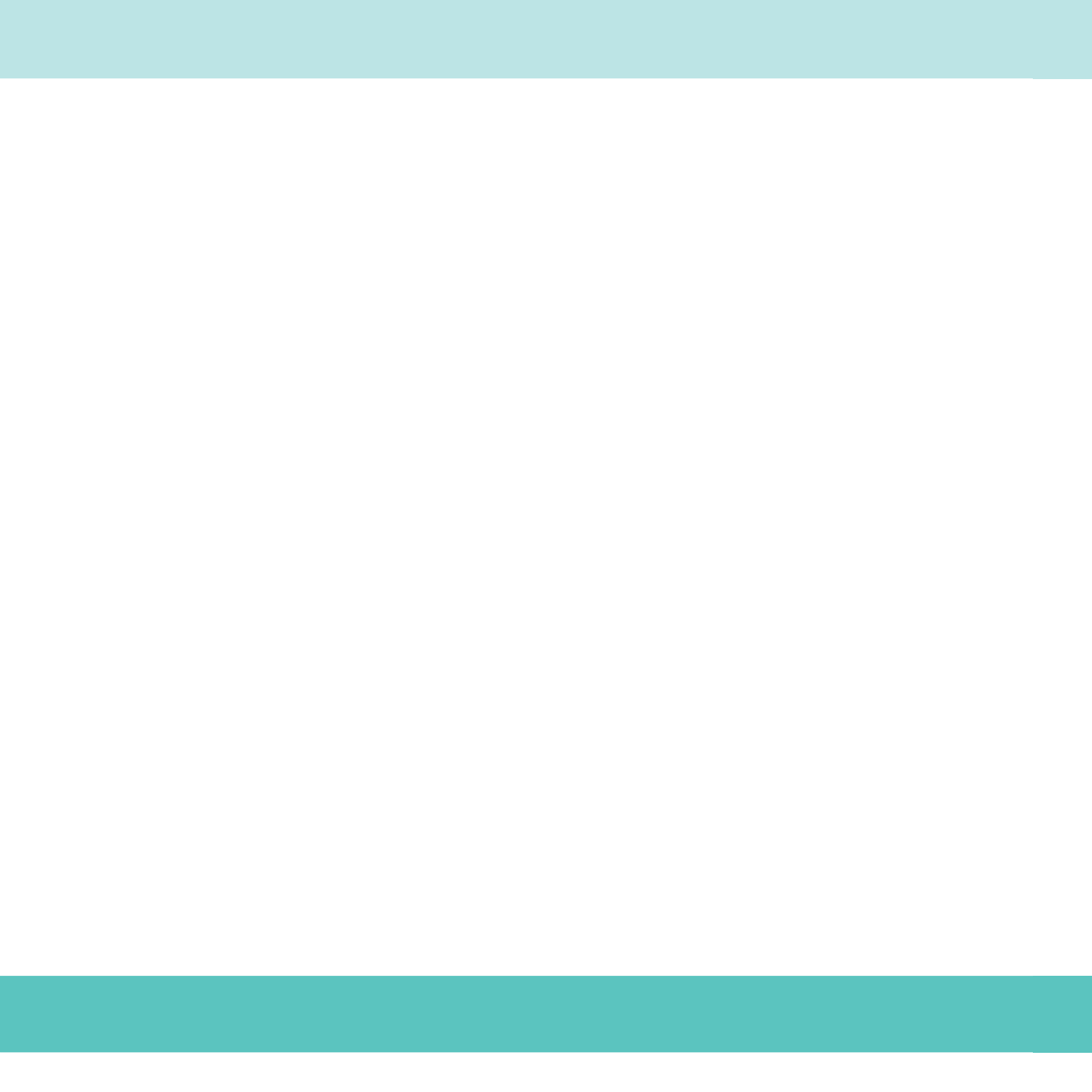
EQUIPE DE DIRETORES

Ana Beatriz Garcia Machado
Ana Maria Rosa
Araci Dias de Souza Rodrigues
Carmem Lucia de O. Alves da Silva
Célia Sardinha
Denise Prates Fernandes Rocha
Eliane Maria de Siqueira Lepre
Fabiana de C. A. Turco
Francine Aparecida Batagini Silva
Isabel Cristina de Assis e Silva
Kátia Batista de Medeiros
Léa Lúcia do Nascimento Lopes
Luciana Vanin Toschi Martines
Lucimara Gonçalves Ferreira
Maria Goreti Alves
Maria Isabel de Arruda Silva

Maria Lúcia Bussola Matumoto
Mônica Gusmão de Faria Pinto
Rita de Cássia Giovaneli
Rosilene Ap. L. Silva Santos
Suzete Ap. Ferreira Santos

AGRADECIMENTO

Nossa profunda gratidão a todos os professores, auxiliares de desenvolvimento infantil e demais funcionários das creches pelo empenho e dedicação em contribuir para a elaboração deste documento.



PREFÁCIO

Elaborada durante o período em que estive à frente da Secretaria Municipal de Educação, alegra-me ver publicada esta proposta curricular que sugere ações a serem desenvolvidas com crianças de 0 a 3 anos e cujo objetivo é oferecer subsídios para uma discussão articulada entre saberes e competências relativos à atuação do educador de creche no Berçário, apresentando possibilidades de ações transformadoras para a prática pedagógica.

As reflexões e conclusões dos estudos nos grupos de formação realizados pelas coordenadoras e orientadoras pedagógicas das creches, as assessorias externas promovidas pela Secretaria Municipal de Educação, as pesquisas utilizadas como aportes teóricos específicos para a faixa etária possibilitaram, ao final, a construção de uma proposta que julgo inovadora, pois seus autores não hesitaram em encarar o desafio da dicotomia entre cuidar e educar, ao propor um modelo que também considera as especificidades da faixa etária atendida.

Estou certa de que o empenho coletivo e a competência de toda a equipe, que sempre se mostrou disposta a contribuir de for-

ma efetiva para a melhoria da qualidade dos serviços prestados pelas creches, foi fundamental para o sucesso da obra, cujas diretrizes, baseadas no processo ação / reflexão, assegurarão, se observadas, os avanços desejados e propostos.

Parabenizo, pois, o grupo que coordenou o trabalho, os gestores, professores, auxiliares de desenvolvimento infantil e funcionários das creches pelo esforço e dedicação.

Maria América de Almeida Teixeira

APRESENTAÇÃO

A Proposta Curricular para Berçários é um material que visa nortear o trabalho das orientadoras pedagógicas e diretoras no aprimoramento da atuação de professores e educadores que trabalham em creches, a fim de qualificar ainda mais o atendimento às crianças de zero a três anos, articulando cuidados e educação. Ela resultou da participação em estudos, assessorias e reflexões sobre a prática, em que se discutiram saberes, interesses, motivações, necessidades, experiências e opiniões que se constituíram em momentos de formação, a partir da observação, da discussão, do registro e do aprofundamento teórico.

Após o texto introdutório, que relata o processo de elaboração e a implementação da proposta na Rede Municipal de Ensino de São José dos Campos, o primeiro capítulo “*Como os bebês aprendem*” enfoca a aprendizagem dos bebês com base na teoria construtivista de Piaget, que reconhece o sujeito como construtor do seu próprio desenvolvimento e conhecimento, interagindo com o mundo dos objetos, das ideias e das pessoas. A importância da construção de vínculos, como um dos

principais aspectos a serem garantidos no processo de adaptação da criança na creche e o que deve ser assegurado para que esse momento aconteça com qualidade é o assunto do segundo capítulo “*Adaptação*”. O seguinte “*Rotina nas Salas de Berçários*” contém orientações para cada momento do dia-a-dia, com vistas a uma organização adequada às especificidades de cada nível de berçário, considerando as características da faixa etária e conciliando o cuidar e o educar, como elementos indissociáveis. Os eixos de trabalho estão agrupados e relacionados em “*Âmbitos de Experiência*” (capítulo quarto), em que se apresentam diferentes oportunidades de aprendizagem para a formação pessoal e social e para a ampliação do conhecimento de mundo pela criança. O quinto capítulo destaca o “*Faz de conta*”, relacionando das primeiras formas do jogo simbólico das crianças à representação mais elaborada de cenários imaginários para brincar e o desafio de criar espaços ricos em oportunidades lúdicas, cuidando das interações que se estabelecem nesse contexto. Os referenciais teóricos que fundamentam a importância da organização do espaço e

da seleção dos materiais, para garantir que as propostas do faz-de-conta se efetivem na prática, proporcionando às crianças inúmeras experiências na composição das brincadeiras, são abordados na “*Organização do Espaço*”(capítulo sexto), que apresenta também quadros de referência com propostas de intervenção no espaço, para a organização dos cantos. No sétimo capítulo, “*Avaliação*”, sugerem-se algumas pautas de observação e indicadores avaliativos que contemplam as ações observáveis e não observáveis, visando garantir a qualidade do trabalho com os berçários por meio do acompanhamento e avaliação. Considerando a importância das experiências pessoais na formação dos professores, educadores e demais servidores que atuam direta ou indiretamente na creche, julgou-se oportuna a inserção do oitavo capítulo “*Desafios e Conquistas na Arte de Cuidar e Educar os Bebês*”, contendo relatos desses profissionais sobre expectativas, desafios, incertezas e conquistas. Por último, em “*Considerações Finais*”, visando reforçar a contribuição para a reflexão sobre o saber fazer do educador que atua no berçário, há recomen-

dações para o redimensionamento da prática educativa, enfatizando a necessidade de formação permanente, a ser favorecida e incentivada, e da competência a ser perseguida com determinação por todos.

A organização do documento apresenta conteúdos, procedimentos e orientações, sem a pretensão de ser um trabalho acabado. Esta proposta almeja ser referência para discussões entre os profissionais da área, de forma a contribuir para o planejamento, a concretização e a avaliação de práticas educativas que considerem as diferenças e o ritmo de cada criança, contribuindo favoravelmente para o desenvolvimento da identidade e da autonomia.

Coordenadoria Pedagógica
de Educação Infantil

INTRODUÇÃO 16

1. COMO OS BÊBES APRENDEM 21

2. ADAPTAÇÃO 27

Introdução 28

Etapas do processo de adaptação 29

Inscrição, matrícula e entrevista com os pais 29

Reunião com os pais das crianças novas 29

Planejamento do período de adaptação com o grupo-escola 31

Ações esperadas 32

Pautas de observação para o período de adaptação 35

3. ROTINA NAS SALAS DE BERÇÁRIOS 39

Introdução 40

Orientações para a rotina dos berçários 42

4. ÂMBITOS DE EXPERIÊNCIA 57

Formação pessoal e social 58

Conhecimento de mundo 59

Linguagem Oral e Escrita 60

Movimento 61

Matemática 62

Artes visuais 64

Música 65

Natureza e sociedade 66

5. FAZ DE CONTA 69

A intervenção do educador na atividade lúdica 70

6. ESPAÇO E MATERIAIS	75
A organização do espaço	76
A seleção dos materiais	79
Quadros de referência para os cantos dos berçários	80
7. AVALIAÇÃO	91
Introdução	92
Avaliação do processo ensino aprendizagem	92
Avaliação da proposta curricular para o trabalho com os berçários	108
Indicadores avaliativos	108
Pautas de observação	115
8. DESAFIOS E CONQUISTAS	125
Desafios e conquistas na arte de cuidar e educar os bebês	126
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
Bibliografia	138

INTRODUÇÃO

A Proposta Curricular para o trabalho nos berçários tem como objetivo oferecer subsídios para uma discussão articulada entre saberes e competências do educador de creche quanto à sua atuação no Berçário e apresentar possibilidades de ações transformadoras para a prática pedagógica.

COMO TUDO COMEÇOU...

Através da realização da formação específica para orientadores pedagógicos que atuam em creche, desencadeamos uma reflexão coletiva sobre quais seriam as intervenções mais adequadas à faixa etária de zero a três anos e, com base na análise e discussão das propostas de atividades realizadas nos berçários, nas rotinas de atendimento e na organização do espaço físico, fomos tomando consciência do quanto o trabalho desenvolvido com as crianças pequenas estava pouco considerando as características peculiares dessa faixa etária, resultando de adaptações curriculares da proposta pedagógica desenvolvida com as crianças maiores – quatro a seis anos.

O GRANDE PROBLEMA...

A ausência de uma proposta curricular específica que considerasse os saberes e as características das crianças de zero a três anos contribuiu para que fossem realizadas intervenções muitas vezes inadequadas junto as crianças, intervenções que, ou priorizavam o “cuidar”, em seu sentido de suprir as necessidades físicas de alimentação, higiene e sono, ou, o “educar”, o que resultava numa adaptação curricular da rotina das crianças maiores (de 3 a 6 anos) com atividades coletivas, direcionadas, fragmentadas e realizadas em pouco espaço de tempo.

A REFLEXÃO...

Tornaram-se ações permanentes nos encontros de formação continuada com os orientadores de creche, pensar, refletir e discutir sobre “*Como os bebês aprendem?*” *Quais eixos de conhecimento priorizar nos diferentes níveis de berçário? Como organizar o espaço físico de modo a favorecer o desenvolvimento e a aprendizagem dos bebês? Como deve ser planejada a rotina de cada berçário?* Isso nos levou a uma reflexão coletiva e colaborativa sobre os motivos que tornavam as intervenções pedagógicas na maioria das vezes inadequadas, por não potencializar o desenvolvimento global da criança pequena e sobre os aspectos que poderiam contribuir para a construção de uma proposta curricular que viabilizasse a melhoria da qualidade do atendimento oferecido às crianças de zero a três anos dos berçários das creches municipais de São José dos Campos.

NOSSAS HIPÓTESES...

Considerando que a concepção do trabalho realizado nos berçários muitas vezes compreende como polaridades as ações de cuidar e educar, que, nos Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil (Brasil, 1998), se apresentam indissociáveis e que os educadores, ao realizarem as propostas de atividades e organizarem o espaço físico, pouco consideravam a característica da faixa etária com a qual trabalham, acreditamos que isso ocorre por falta de um SABER, não em relação aos estágios de desenvolvimento e das características da faixa etária de zero a três anos, mas por falta de um SABER-FAZER, ou seja, traduzir todo conhecimento teórico-científico adquirido em competências práticas que de fato propiciem condições favoráveis para que a criança pequena avance em suas aprendizagens.

Outro fato igualmente relevante se deve à existência de uma extensa bibliografia voltada para o trabalho com as crianças maiores (quatro a seis anos), pois é uma faixa etária que oferece dados mais observáveis e reveladores na construção do conhecimento, haja vista as pesquisas de Emília

Ferreiro sobre as hipóteses de escrita, ou mesmo de Delia Lerner sobre a Didática da Matemática. O mesmo já não ocorre com as crianças de zero a três anos, cuja bibliografia está em grande parte voltada para o campo da Psicologia, (Psicomotricidade, Estágios de Desenvolvimento).

A CONCRETIZAÇÃO DA PROPOSTA...

Buscar um referencial teórico articulado com as práticas educativas adequadas às crianças de zero a três anos tornou-se necessário, a fim de discutir os aspectos que melhor contribuem para o estabelecimento de relação entre saberes e competências, objetivando a construção de uma proposta curricular específica para a faixa etária.

As reflexões e conclusões dos estudos nos grupos de formação realizados pelas coordenadoras e orientadoras pedagógicas dos Institutos Materno-Infantis, as assessorias externas promovidas pela Secretaria Municipal de Educação, as pesquisas utilizadas como aportes teóricos específicos para a faixa etária possibilitaram a construção dessa proposta que consideramos inovadora – “*Proposta curricular para o trabalho nos berçários*” e do projeto de pesquisa intitulado “*Atuação docente no berçário: entre os saberes científicos e as competências práticas do saber fazer*”¹.

Sabemos o quanto os resultados dessas reflexões precisam de aprofundamento, mas acreditamos na sistematização de nossas ações como um processo de reflexão e documentação do caminho percorrido e do que ainda vislumbramos alcançar.

Apresentamos a seguir os aspectos contemplados na proposta curricular para o trabalho nos berçários das creches municipais de São José dos Campos.

1. Dissertação de Mestrado defendida em setembro de 2006 pela coordenadora pedagógica Márcia Maria dos Santos Silvestre Roberto, na Universidade Braz Cubas, Mogi das Cruzes, São Paulo.



Como os bebês aprendem

1

O construtivismo piagetiano baseia-se na teoria de que o sujeito é o construtor do seu próprio desenvolvimento e conhecimento, interagindo com o mundo dos objetos, das idéias e das pessoas. (Foto 1)

A lógica da criança em especial não advém da experiência dos objetos, mas sim das ações exercidas sobre os objetos” (PIAGET, 1976, p.37). A atividade da criança torna-se, assim, fundamental na construção do conhecimento e da sua própria inteligência; a criança “entrega-se a uma experiência física e abstrai a sua descoberta dos próprios objetos...” (PIAGET, 1977, p. 43).

A idéia de construção pela ação, proposta por Piaget (Ibid), reforça o interacionismo, através de uma relação dialética entre o sujeito e o mundo.

Logo que nascem, os únicos meios pelos quais os bebês experimentam o mundo são as ações reflexas, tais como agarrar, chupar e engolir, bem como vários movimentos dos olhos como piscar, focar e acompanhar. Esses atos reflexos constituem o seu meio de sobrevivência e formam a base para o primeiro desenvolvimento mental. (Foto 2)

Porém, como simples ações reflexas levam à realização complexa que é o conhecimento humano?

Ao refletir sobre essa questão, Jacob (2002) exemplifica de uma maneira clara indagando: “Como um bebê constrói conhecimento mais complexo sobre um chocalho, quando as únicas ferramentas de conhecimento à sua disposição são umas poucas ações reflexas rígidas”?(Ibid, p.19)

O autor evidencia que com certeza não é lendo a palavra chocalho escrita num cartão colocado acima do seu berço, nem quando lhe mostram repentinamente a figura de um chocalho. Essas maneiras figurativas de aprender não são as formas naturais de uma criança conhecer, mas de um adulto.

De acordo com Jacob (2002 / p.20):

(...) “primeiro, os bebês constroem o conhecimento agindo sobre objeto que estão tentando conhecer. Conhecer um chocalho é conhecer o seu peso, manuseá-lo, que barulho faz, que gosto tem, que cheiro tem. Conhecer um chocalho é agarrá-lo, sacudi-

-lo, cheirá-lo, abocanhá-lo, etc. Segundo, as crianças ampliam seu conhecimento relacionando o que estão tentando saber com o que já sabem. Se um bebê já sabe como apertar e saborear objetos, um novo objeto é conhecido exatamente sendo agarrado, apalpado e abocanhado. Para apropriar-se desse conhecimento, a criança precisa usá-lo, para dominá-lo e torná-lo seu. Praticar o que foi aprendido recentemente é a maneira da criança atribuir alguma permanência ao conhecimento recém-adquirido”.

Muitas vezes a tendência a essa repetição não é muito clara para os pais e educadores. É comum observarmos certa impaciência de ambos para essas ações das crianças “Se você jogar não vou pegar mais” ou, “não dê para ele porque vai jogar no chão”.

Comumente, também observamos uma falta de entendimento em relação a essa necessidade de constância nas ações dos bebês para que eles possam construir seus conhecimentos, ou repetem-se demasiadamente os materiais (jogos, objetos, brin-

quedos, etc), tornando a brincadeira e a exploração monótonas, ou eles são alternados demasiadamente, não dando tempo para a criança exercitar o novo conhecimento aprendido. Isso nos leva a refletir que cada material colocado à disposição das crianças nos berçários são carregados de intencionalidades educativas, não devem ser escolhas casuais e sim fazer parte da intervenção das educadoras. (Foto 3)

Acreditamos na criança como ser ativo e capaz de construir o seu próprio conhecimento, mas para tanto, as educadoras também precisam assumir um papel fundamental de promoção do crescimento e desenvolvimento, de fomentador da autonomia da criança. (Foto 4)

Em contrapartida, observamos em algumas práticas uma supervalorização da organização do espaço físico e dos materiais, acreditando-se que, adotando essa idéia, as crianças estarão construindo seu conhecimento por si mesmas. Este é um equívoco comumente observado, uma assimilação deformante de uma teoria que privilegia, na sua essência, a interação, a mediação com os objetos, com o mundo, com as coisas.

“O poder da aprendizagem ativa vem da iniciativa pessoal. As crianças agem no seu desejo inato de explorar. Esta aprendizagem pela ação é realizada num ambiente interativo adulto—criança, em que os adultos põem em prática estratégia de interação positiva partilhando o controle com as crianças, (...) estabelecendo relações verdadeiras com elas, apoiando as suas brincadeiras, e adotando uma abordagem de resolução de problemas face ao conflito social”. (HOHMANN e WEIKART, 1997 p.5 e 6).

Após as reflexões de como se dá a aprendizagem dos bebês e considerando que a construção de vínculos é um dos principais aspectos a serem garantidos, apresentamos a seguir a importância do processo de adaptação e os aspectos a serem assegurados para que ela aconteça com qualidade.



Foto 1 - IMI "Benedito Carvalho dos Santos"



Foto 3 - IMI "Profa. Maria de Lourdes Constantino"



Foto 2 - IMI "Armilinda Locatelli de Macedo"



Foto 4 - IMI "Armilinda Locatelli de Macedo"



Adaptação

2

INTRODUÇÃO²

A entrada ou retorno da criança à instituição escolar é um momento delicado que envolve uma adaptação complexa tanto nas relações família-creche, professor-funcionário-creche, educadores-alunos, alunos-creche, quanto na adaptação e conhecimento do novo espaço físico, o que pode gerar uma variedade de sentimentos e expectativas em todos.

Assim, pelas expectativas que se instalam na creche e nas famílias, tendo em comum a criança como protagonista, torna-se fundamental inserir o processo de adaptação no planejamento do trabalho da creche. É necessário que os educadores não só estejam atentos aos sentimentos que emergem em si próprios, como na existência de uma dinâmica familiar que se altera nesse período, buscando compreender as particularidades do modo de ser das crianças nas diferentes faixas etárias.

É importante ter clareza de que esse período não tem um tempo determinado, pode durar dias, semanas ou meses, e remete a ações diferenciadas para cada criança, le-

vando em consideração suas particularidades.

Também é neste período que se estabelece a construção de vínculos afetivos entre educadores e família, e principalmente entre educadores e crianças.

Estabelecer uma relação profunda com cada bebê é primordial. Para isso, é importante neste período que cada educador seja referência para um grupo de cinco ou seis crianças, a fim de construir uma relação mais estreita que possibilite compreender desde um sentimento de empatia, que as crianças transmitem através dos olhares, gestos e sorrisos até o estabelecimento da comunicação que permite atuar em resposta às diferentes necessidades de cada bebê, ou seja, oferecendo sinais claros de que ele se encontra num ambiente seguro, que pode confiar e que suas necessidades serão atendidas. A construção desta relação requer maior estabilidade dos educadores, tanto em sua presença cotidiana, quanto em seu equilíbrio afetivo-emocional. (Foto 5)

Considerar a adaptação sobre o aspecto do acolher, aconchegar, amparar, oferecer bem-estar, conforto físico e emocional amplia significativamente o papel e a respon-

2. Texto elaborado com base em artigos da revista *Avisalá* n°5 janeiro/2001 e n°21 janeiro/2005.

sabilidade da instituição de educação neste processo. A qualidade do acolhimento contribui consideravelmente para o sucesso da adaptação, pois a relação e a criação de vínculos entre escola, pais, educadores e crianças se consolidam nesse período. (Foto

6)



Foto 5 - IMI "Profa. Diméia Maria Ferreira Diniz Endo"



Foto 6 - IMI "Profa. Diméia Maria Ferreira Diniz Endo"

Etapas do Processo de Adaptação

INSCRIÇÃO, MATRÍCULA E ENTREVISTA COM OS PAIS

- Receber atenciosamente os pais no ato da inscrição, sanando dúvidas. Este primeiro contato contribui significativamente para uma boa adaptação.
- Realizar a matrícula e entrevista da criança, recolhendo os dados num clima de acolhimento e devolução, onde exercitam-se o escutar, o responder, o refletir, o opinar, o fazer intervenções, o avaliar e o concluir.
- Visitar a creche com os pais, apresentando os espaços e funcionários
- Compartilhar os dados coletados com o professor e demais educadores da sala, antes da chegada da criança.

REUNIÃO COM OS PAIS DAS CRIANÇAS NOVAS

- Agendar reunião com os pais das crianças novas, antes que comecem a frequentar a creche.

- Promover a participação da equipe diretora, assistente social e educadoras do setor.
- Estabelecer alguns combinados que auxiliarão no período de adaptação, tais como:

1. Orientar os pais para conversarem com os filhos sobre os preparativos para virem à creche e sobre o que dizer a eles (evitar mentiras ou frases típicas, como dizer que ele vai ser levado ao parquinho ou que vai ficar só um dia na escola).

2. Orientá-los para que perguntem aos seus filhos como imaginam que é a escola, observar se brincam de escola e o que falam sobre ela.

3. Alertar para que tomem o cuidado de não colocar expectativas demais sobre a escola (dizer que será maravilhoso, que os amigos são ótimos e a professora é linda, pois a criança, se não achar nada disso no início, poderá se decepcionar).

4. Discutir com os pais sobre a organização do primeiro dia de

aula, quem os receberá e suas respectivas funções: os professores, orientador pedagógico, diretor de escola, assistente social, educadoras e demais funcionários.

5. Combinar com os pais sobre as ações desse período: Para quem deve encaminhar o filho? Os pais entram na sala, ou ficam nos espaços externos? Entrando, fazem o que lá dentro? Ajudam? Ficam com seus filhos? Dão o lanche? Devem levar algum trabalho para fazer, sentando à distância? Este trabalho se relaciona com a classe ou deve ser privado da mãe? Não seria interessante a mãe deixar algo feito por ela para incrementar a classe, ou ajudar no preparo do lanche etc? É importante discutir sobre essas questões, pois os responsáveis estarão junto com o professor e educadora nesse momento.

6. Relembrar exemplos de situações já vividas pelos pais em outros períodos de adaptação e considerar que as mesmas poderão ocorrer novamente. Explicar que é esperada certa regressão

das crianças, como por exemplo, se recusar a fazer coisas que já faziam sozinhas, querer a mãe, ou por medo ou para provocá-la, retardando a separação e o estabelecimento do novo vínculo.

7. Discutir a diferença de papéis entre ser mãe e ser educadora, principalmente em relação aos cuidados individuais de alimentar, colocar para dormir e coisas assim, já que no espaço da escola a criança terá que esperar e irá aprender a fazer muitas coisas sozinha. Esclarecer que a escola não pretende ocupar o lugar da casa, mas oferecer tanto os cuidados como também a socialização e a aprendizagem em diversos âmbitos de conhecimento.

8. Conversar sobre a concepção que temos de criança, que ela não nasce pronta, por um lado, nem vazia, por outro, mas é competente, tem recursos, tem defesa, tem um mundo interno com fantasia, sexualidade e criatividade, que reage, interage e constrói seu conhecimento de forma ativa, quando incentivada por um adulto competente.

9. Detalhar a rotina da creche: a chegada; as atividades; o lanche; a entrada na sala; a saída; quanto tempo vão ficar no primeiro dia; como pretendem aumentar este tempo; como os pais serão orientados a saírem; a importância de se despedirem sem mentiras, mesmo que tenham que ouvir um choro e saírem de coração apertado.

10. Pode-se solicitar a participação de alguns pais, cujas crianças já frequentam a creche, a fim de relatar e tranquilizar os pais novos quanto ao processo de adaptação. Neste momento, pode-se também expor produções dos alunos, portfólios, vídeos, de anos anteriores, para que os pais tenham conhecimento do trabalho que será desenvolvido.

PLANEJAMENTO DO PERÍODO DE ADAPTAÇÃO COM O GRUPO-ESCOLA

A equipe diretora deverá elaborar um roteiro de questões pertinentes a serem trabalhadas nesse momento, pensando em

estratégias que viabilizem as discussões, tais como: discussão em pequenos grupos seguida de socialização; leituras de textos para levantamento de orientações didáticas e princípios para uma boa adaptação; análise e discussão de estudo de caso; tematização da prática. Existem questões importantes a serem discutidas no planejamento, tais como:

- Entrada da criança na creche (matrícula, entrevista, reunião);
- Planejamento das atividades para as crianças;
- Relação adulto-criança;
- Atitudes do adulto em relação às diferentes reações das crianças;
- Recepção das crianças e pais / acolhimento;
- Participação dos pais nesse período;
- Tempo de permanência das crianças na unidade escolar.

AÇÕES ESPERADAS³

DAS EDUCADORAS JUNTO ÀS CRIANÇAS

- Propiciar um ambiente atrativo e prazeroso para as crianças.
- Acolher as crianças individualmente de forma carinhosa, levando a conhecer o ambiente da sala de aula.
- Amparar as crianças em suas necessidades físicas e emocionais.
- Observar as crianças que estão muito quietas, com dificuldades de alimentação e sono, se necessário conversar com os pais e buscar alternativas para a adaptação.
- Considerar que o processo de adaptação pode ser longo para algumas crianças e que reações atrasadas, como: fazer birra, falar como bebê, podem acontecer após os primeiros dias. Procurar nestes momentos amparar e confortar a criança para que volte a se sentir segura.
- Permitir e até incentivar que a criança faça uso de objetos transitórios, como panos, bichos de pelúcia, quando necessário.

3. Texto elaborado pelas educadoras do Instituto Materno-Infantil "Arminda Locatelli de Macedo", São José dos Campos, dezembro de 2005, tendo como referência o artigo "Como receber bem a criança e sua família", revista Avisalá, nº21, janeiro/2005.

- Observar, acompanhar e registrar o processo de adaptação, relatando as diferentes reações das crianças nesse período: as que grudam nas mães; as curiosas que se soltam e, depois de um tempo ficam choronas, como se tivessem dado um passo maior que a perna; as que desgrudam logo de início e ficam bem; as desconfiadas, mas que morrem de vontade de participar; as que vão mexendo em tudo; as que quebram os brinquedos; as que procuram adultos desconhecidos com confiança. Estas reações devem ser acompanhadas na busca de acertar com intervenções que ajudem as crianças a não cristalizá-las.
- Aumentar gradativamente o tempo de permanência da criança na creche, levando em consideração as particularidades de cada uma.

DAS EDUCADORAS JUNTO AOS PAIS

- Acolher bem os pais, transmitindo-lhes segurança ao deixarem seus filhos na escola.
- Orientar as mães para que conversem com as crianças, falando sobre o espaço, os educadores e as atividades que serão realizadas, para que sintam-se seguras.
- Permitir às mães que amamentam, fazê-lo de acordo com as suas disponibilidades.

- Orientar os pais para que evitem que as crianças falem e procurem chegar no horário combinado para facilitar a adaptação.
- Combinar com os pais que comuniquem oralmente ou através do uso da agenda, alterações ocorridas em casa com as crianças e que possam influenciar seu comportamento.
- Orientar os pais que, caso a criança necessite, poderão ficar presentes, brincando e entretendo a criança na sala, para que sinta confiança no novo ambiente.
- Deixar os pais fazerem as primeiras trocas e acompanhá-los, aproveitando para receber instruções, ouvir os receios, observando o jeito com o qual a criança está acostumada.
- Ter cuidado no que contar da criança aos pais, para não preocupá-los demasiadamente.
- Interpretar e compreender as reações emocionais típicas dos pais neste período, como angústia, insegurança, desconfiança, evitando o risco de sentir raiva, pena, desprezo e rivalidade para com eles, o que poderia comprometer todo o trabalho.

DA EQUIPE DE LIDERANÇA

- Planejar com o grupo-escola as ações para o período de Adaptação e o Dia da

Acolhida, para que seja significativo e prazeroso.

- Atender prontamente as famílias que procurarem a creche na busca de vaga, pois é neste momento que se inicia o processo de adaptação.
- Realizar orientações específicas com relação à alimentação dos bebês no período de adaptação.
- Garantir que a professora e as educadoras tenham acesso às informações sobre a criança, antes de seu ingresso na creche.
- Organizar a entrada das crianças novas, dando preferência ao horário que tem mais de uma educadora para atender as diferentes necessidades.
- Orientar as educadoras e esclarecer aos pais quanto ao tempo de permanência em horário de adaptação, de acordo com a necessidade de cada criança.
- Acolher as famílias de forma educada e carinhosa, orientando no que for necessário.
- Acompanhar e avaliar com o grupo-escola e as famílias o processo de adaptação, propondo as intervenções e as reestruturações que se fizerem necessárias.

DAS COZINHEIRAS

- Acolher bem as famílias, orientando de forma atenciosa e educada, sempre que necessário.
- Receber a alimentação trazida pelos pais, desde que autorizada pela equipe diretora e com receita médica, e, caso receba leite materno, armazená-lo de forma adequada.
- Envolver-se no planejamento e no desenvolvimento das ações do processo de Acolhimento e Adaptação da escola.
- Orientar a criança de forma atenciosa e educada nos momentos de alimentação.

DAS AUXILIARES DE SERVIÇOS GERAIS

- Acolher crianças e famílias, orientando de forma atenciosa e educada, sempre que necessário.
- Auxiliar na adaptação das crianças novas, sempre que necessário
- Envolver-se no planejamento e desenvolvimento das ações do processo de Acolhida e Adaptação da escola.

- Orientar a criança de forma atenciosa e educada sobre a limpeza do ambiente e de si mesma.
- Manter o ambiente escolar sempre limpo e organizado.

PAUTAS DE OBSERVAÇÃO PARA O PERÍODO DE ADAPTAÇÃO⁴

As Pautas de Observação visam direcionar o olhar para cada criança, sendo subsídios para a avaliação desse período. Serão preenchidas pela professora e demais educadoras da sala, que trabalharão em sintonia, dando retorno nos grupos de formação, discutindo e estudando casos específicos de cada criança e família.

4. Pautas de observação elaboradas com base no “Diseño Curricular para la Educación Inicial”, (Buenos Aires), 2000.

Berçário I

Nome	Demonstrou insegurança na adaptação? Chorou? Ficou triste? Teve problemas com o sono ou com a alimentação?	Evoluiu em atitude ao ingressar diariamente? Sorri? Despede-se tranquilamente da pessoa que o traz? É indiferente?	Reconhece o espaço da sala de aula, os objetos e os educadores?
------	--	--	---

Berçário II e Berçário III

Nome	Demonstrou insegurança na adaptação? Chorou? Ficou triste? Teve problemas com o sono ou com a alimentação?	Evoluiu em atitude ao ingressar diariamente? Sorri? Despede-se tranquilamente da pessoa que o traz? É indiferente?	Reconhece o espaço da sala de aula, os objetos e os educadores?	Interage com os objetos oferecidos?
------	--	--	---	-------------------------------------

Interage com os educadores? Evoluiu nessa comunicação?	Interage com os objetos oferecidos?	Interessa-se pelas atividades de rotina e brincadeiras?	Mostrou-se ativa ao longo do dia?
---	--	--	--------------------------------------

Interage com os educadores? Evoluiu nessa comunicação?	Interessa-se pelos colegas? É comunicativa? Brinca?	Participa das atividades de rotina e das brincadeiras?	Reconhece os momentos da rotina?	Mostrou-se ativa ao longo do dia?
--	--	--	-------------------------------------	--------------------------------------

Considerando as características da faixa etária e a importância da construção de vínculos, faz-se necessário pensar na organização de uma rotina adequada às especificidades da criança pequena, conciliando o cuidar e o educar, como elementos indissociáveis.

Neste sentido apresentamos a seguir orientações para planejamento de ações que visem maior qualidade nas rotinas de atendimento às crianças.



Rotina nas salas de berçários

3

INTRODUÇÃO⁵

A rotina é uma sequência de ações que dá condições para que a criança se organize no espaço, no tempo e na proposta.

Se o espaço é a morada dos objetos, o tempo é a morada das ações. Se os objetos precisam de um espaço para estar, as ações precisam de um tempo para se realizar. As ações têm duas categorias temporais fundamentais: duração e sequência.

As ações compõem narrativas, ordens (no sentido de 1º, 2º, 3º, 4º, 5º), sequências. Ou seja, primeiro o bebê mama, depois arrota, depois isso, depois aquilo. Não é assim a narrativa do cuidado materno de alimentação do bebê? Na creche também temos ordens, algumas lineares, outras simultâneas, e cada um desses pedaços de ação duram um tempo. Tempo do mamar. Tempo do plantar, crescer, colher. Cada coisa dura seu tempo (objetivo, subjetivo). Na creche trabalhamos com conceitos e informações que necessitam ser traduzidos em ações educacionais, mas não podemos deixar de considerar a formação

pessoal e social dessa criança pequena, que está construindo sua identidade e autonomia. Portanto, as atividades de cuidados entendidas como desenvolvimento integral, dependem tanto dos cuidados relacionais que envolvem a dimensão afetiva, dos cuidados com os aspectos biológicos do corpo, saúde e segurança da criança, como da qualidade com que esses cuidados são oferecidos, oportunizando acesso a conhecimentos variados. Assim, cuidar e educar são indissociáveis, devendo professores e educadoras estarem atentos para suprirem essas diferentes necessidades. (Foto 7)

Nesse sentido, a rotina deve ter intencionalidade educativa e os que dela participam devem conhecer com clareza a sequência estabelecida. Porém, uma rotina não deve ser eternizada, e sim manter o ponto de equilíbrio entre a necessidade de constância e a necessidade de ajustes e adequações.

É importante que ela seja norteadada por um rico ambiente interacional e apresentada de forma clara, com marcos que assegurem sua regularidade, pois para as crianças pequenas, ela não deve ser fragmentada numa série de atividades cole-

5. Texto elaborado com base na apostila intitulada “Tudo ao mesmo tempo agora” da programação de férias do Centro de Estudos da Escola da Vila, São Paulo, 5 de julho de 2005.

tivas que ocorrem sequencialmente com pouca duração (em torno de 30 a 40 minutos), como acontece com as crianças maiores, e sim assinaladas por marcos ou indícios, que são sinais que remetem a uma outra situação e dão para as crianças a segurança desta regularidade. Sendo assim, terão condições de se localizarem ao longo do tempo em que ficam na creche, antecipando, por exemplo: os momentos da chegada da roda, da fruta, do parque etc. (Fotos 8 e 9)

Os marcos dão à criança idéia do que será proposto em seguida, ao mesmo tempo em que simultaneamente as crianças possam estar envolvidas em outros cantos de atividades, afinal, com as crianças menores, o trabalho é mais individualizado e em pequenos grupos, do que no coletivo. Nesse sentido, o trabalho coletivo acontecerá gradativamente nos berçários e, por isso, o trabalho com cantos de atividades pode melhor atender às individualidades, tendo maior variedade de materiais e ferramentas, possibilitando a liberdade de escolha e maior interação com objetos, educadores e demais crianças, favorecendo, assim, que a criança avance em sua aprendizagem, que se dá através da exploração e da brincadeira. (Foto 10)

Quando falamos em rotina dos berçários é necessário lembrar que a criança passa mais tempo na creche do que em casa, e por isso precisamos⁶:

- Considerar o caráter lúdico das situações que as crianças enfrentarão na creche. (Foto 11)
- Valorizar mais a qualidade do contato do que a quantidade dos conhecimentos culturais apresentados em um determinado período escolar.
- Encarar TODOS os momentos passados dentro da creche como EDUCATIVOS, pois tudo que os bebês necessitam é de atenção às suas necessidades físicas e psicológicas; de uma relação com alguém em quem confiem; de ambiente seguro, saudável e adequado ao desenvolvimento; de oportunidades para interagirem com outras crianças; de liberdade para explorarem, utilizando todos os seus sentidos. Assim, numa fusão constante de cuidados e educação, devem-se promover experiências valiosas na vida das crianças, das suas famílias e dos profissionais, desenvolvendo e facilitando a aprendizagem da criança, através das interações com o mundo

6. Excerto do texto “Gestão do tempo na educação infantil: Afinal do que falamos?” da programação de férias do Centro de Estudos da Escola da Vila, São Paulo, 4 julho de 2005.

físico e social. (Foto 12)

ORIENTAÇÕES PARA A ROTINA DOS BERÇÁRIOS⁷

As salas dos berçários devem ser organizadas de acordo com a faixa etária, sendo:

- Berçário I: de zero a um ano de idade
- Berçário II: de um a dois anos de idade
- Berçário III: de dois a três anos de idade

ACOLHIDA

A acolhida é um momento muito importante para as crianças, funcionários e principalmente para as famílias, devendo-se constituir num espaço de troca de informações entre os responsáveis e a instituição, promovendo o aumento da confiança e o estreitamento das relações entre os envolvidos no processo educativo. A maneira de acolher pode determinar o desenrolar do dia da criança. (Foto 13)

Para garantir a qualidade da acolhida, é

necessário:

- Procurar manter um adulto de referência para recepcionar as crianças.
- Receber o bebê com contato físico afetivo, conversando e chamando-o pelo nome, garantindo o vínculo afetivo entre a educadora e a criança.
- Receber os pais, transmitindo-lhes segurança e tranquilidade, perguntando como está o bebê, se há alguma recomendação especial na agenda, se a criança já se alimentou antes de vir para a creche, ou mesmo sobre medicamentos.
- Dar atenção especial para as crianças que apresentarem alguma dificuldade: chegar chorando, não querer ficar... Nestas situações, chamar um amiguinho ou irmão para ficar junto, propor uma brincadeira, se preciso, pegar no colo para acalmá-la, sentar no chão próximo da criança.
- Organizar antecipadamente os espaços para acomodar cada criança, respeitando as diferentes necessidades:

- Para os que estão dormindo, berço ou colchonete;
- Para os que estão acordados e ainda não se sentam, colocar no bebê conforto (que pode ser confeccionado na creche), no balanço ou na calça

7. Essas orientações foram elaboradas com base no trabalho realizado nas creches, tendo como referência o texto da revista *Avisalá*, nº 22, abril/2005.



Foto 7 - IMI "Armilinda Locatelli de Macedo"



Foto 9 - IMI "João Lopes Simões"



Foto 11 - IMI "Fátima Aparecida Berthoud"



Foto 12 - IMI "Armilinda Locatelli de Macedo"

com enchimento;

- Para os que estão quase sentando, almofadas, rolo de espuma, pneus almofadados ou câmaras com brinquedos e móveis em diferentes alturas;
- Para os que já se sentam e para os maiores (Berçários II e III), propor diferentes cantos na sala de aula, favorecendo a interação com os diferentes materiais: tatame com espelho, piscina de bolinha, casinha, cabana ou tenda, caixas de diferentes tamanhos, tapete sensorial, painel com gravuras e kits de jogos e brinquedos para entrada e saída.

- Colocar músicas infantis em volume baixo para recepcionar as crianças.

ALIMENTAÇÃO

MAMADEIRA

No Berçário I, como a maioria das crianças utiliza mamadeira, ela deverá ser oferecida de acordo com a necessidade de cada criança, considerando:

- Para os menores, oferecê-la no colo,

mantendo o bebê em posição inclinada com contato visual, conversando com ele, fortalecendo o vínculo afetivo.

- Os maiores, que já seguram a mamadeira, poderão mamar deitados, desde que se garanta um apoio que os mantenha inclinados. Os adultos deverão observar e manter proximidade, interagindo com as crianças. (Foto 14)
- Higienizar as mamadeiras e bicos com escovinha apropriada. Em seguida fervê-las ou deixá-las em solução de hipoclorito de sódio, fazendo o mesmo com os demais utensílios utilizados pelas crianças.

CAFÉ (A PARTIR DO BERÇÁRIO II)

- Oferecer leite, preferencialmente no copo com furinhos e, logo que possível, utilizar copos descartáveis, para que a criança gradativamente se acostume com eles, usando-os como substitutos da mamadeira.
- Observar se as crianças do Berçário II têm condições de tomar o café no refeitório, avaliando espaço, cadeira com ou sem apoio de braços, revezamento de turmas e outras questões específicas de cada creche.
- Entornar a vasilha e comer com a mão são comportamentos esperados nessa faixa etária e devem ser tratados com muita tranquilidade, sem constranger as crian-

ças, orientando-as, mas não exigindo de imediato comportamentos corretos e adequados.

FRUTA, ALMOÇO, LEITE E JANTAR

É preciso planejar cuidadosamente estes momentos no Berçário I, pensando nos educadores de apoio que já são referência para as crianças e que conhecem os seus hábitos alimentares, para poder auxiliá-las, pois quase todas as crianças querem comer ao mesmo tempo.

Com a conquista do andar e do falar, por volta dos dois anos de idade, as crianças já são capazes de se alimentar sozinhas e de decidir se e o quanto querem comer. Neste momento, a presença dos adultos é muito importante para orientá-la em suas ações e auxiliá-las no que for preciso, incentivando-as a comer de tudo um pouco.

Como elas ainda não possuem um excelente controle motor, o educador deve ser um guia, prevendo possíveis acidentes e avaliando a melhor forma de evitá-los, sendo um facilitador das ações das crianças, orientando-as quanto aos bons hábitos de se servir e de se alimentar, quanto querem

repetir, sair da mesa sozinhos.

O refeitório deve ser um ambiente agradável, organizado, bonito e, principalmente, limpo.

Os móveis e utensílios devem ser adequados às crianças, de modo que elas possam se servir com autonomia, criando hábitos corretos de alimentação e higiene, sempre sob a orientação do educador.

DESSE MODO, FAZ-SE NECESSÁRIO:

- Utilizar o refeitório para todos os momentos das refeições, analisando o espaço, mobiliário adequado, cadeira com e sem apoio de braços, revezamento de turmas e outras questões específicas da creche.
- Conhecer e considerar os hábitos alimentares de cada criança, oferecendo outro tipo de alimentação, caso o bebê, por algum motivo não tenha se alimentado durante o dia e informar os pais.
- Levar as crianças para o refeitório, em pequenos grupos, respeitando as necessidades individuais, enquanto as outras continuam em atividades na sala com as demais educadoras.
- Considerar, ao oferecer a refeição do dia, as necessidades de ordem médica

de algumas crianças, como a alergia por exemplo.

- Oferecer à criança alimentação adequada conforme a faixa etária, seguindo orientações e cardápio do setor de alimentação da Secretaria Municipal de Educação.

- Verificar se os utensílios utilizados pelas crianças (copos, pratos, talheres) estão devidamente limpos, se não estiverem, entrar em contato com o setor responsável (cozinha).

- Colocar músicas calmas, em volume baixo, proporcionando um horário de alimentação tranquilo.

- Garantir ambiente saudável para a alimentação (cadeirões limpos, babadores individuais, pratos e talheres adequados).

- Lavar as mãos das crianças antes e após cada refeição e, em seguida, fazer a higiene bucal com gaze e água filtrada (Berçário I).

- Oferecer água várias vezes ao dia, especialmente nos dias quentes, para que o organismo do bebê mantenha-se saudável e bem hidratado.

- Conversar sobre o cardápio do dia com as crianças, antes do horário da alimentação.

- Incentivar a criança a experimentar todas as comidas que estão sendo servidas.

- Demonstrar a correta utilização dos talheres disponíveis.

- Auxiliar a criança que ainda não consegue se alimentar sozinha, sempre que se fizer necessário.

- Possibilitar, gradativamente, que a criança se sirva sozinha e dose a quantidade suficiente de comida de acordo com seu gosto e apetite, possibilitando que ela faça suas escolhas.

- Ajudar a criança a manter e deixar o lugar limpo para os demais colegas que utilizarão o refeitório.

- Possibilitar que apreciem pratos diversificados e incentivá-los a sentir o cheiro gostoso da comida bem quentinha.

- Respeitar o paladar da criança, não forçando-a a comer o que não gosta, nem em maior quantidade de que necessita.

- Respeitar o tempo que cada criança leva para comer.

- Compreender que o momento das refeições é um momento interativo, de muitas trocas, onde o olhar deve estar focado nas possibilidades de cada criança.

- Incentivar a criança a se alimentar com a fruta do dia, servi-la no refeitório, em utensílios adequados: pratos, tigela, talheres, orientando, incentivando e auxiliando-a a comer com autonomia.

HIGIENE

Os momentos de higiene pessoal dos bebês são tão importantes quanto as demais atividades da rotina, pois além de contribuir para o bem-estar e a saúde, são oportunidades de relação entre criança e adulto e, portanto, devem ser permeados de afetividade, lembrando sempre que a criança está construindo uma imagem positiva de si mesma e para isso o adulto é seu espelho.

TROCA DE FRALDAS

- Cada criança deve ter os seus materiais de higiene. Alguns podem ser usados coletivamente (como por exemplo xampu, sabonete líquido) e outros de forma individual, de acordo com a necessidade.
- Evitar o risco de acidentes, não utilizando adornos, como pulseiras e relógios, ao cuidar das crianças.
- Manter as unhas limpas e curtas.
- Limpar imediatamente as superfícies, objetos e brinquedos, contaminados por fezes e urina, com água e detergente neutro, seguida de desinfecção clorada.
- Organizar o espaço, deixando-o atrativo e interativo, envolvendo a criança através do “diálogo” em tudo o que está fazendo.

- Deixar próximo ao trocador os materiais a serem utilizados na troca (fralda, pomada, lenço), para não ser preciso se ausentar nem por um instante desse espaço.
- Forrar o trocador com toalha ou fralda individual da criança e, na altura das nádegas, colocar o papel toalha descartável.
- Fazer a troca de fraldas mantendo um contato afetivo com o bebê, através do toque, do olhar e da conversa, evitando que este seja um ato mecânico com movimentos bruscos e demasiadamente apressados.
- Trocar as crianças usando luvas, uma para cada troca e, em seguida, lavar as mãos e os antebraços.
- Jogar as fraldas com resíduos no cesto de lixo, que deve estar fora do alcance das crianças.
- Retirar a luva pelo avesso, de forma que a mão fique encoberta, para não contaminá-la.
- Lavar as mãos das crianças após cada troca de fraldas.
- Usar toalhas de mão descartáveis.
- Após cada troca, limpar o trocador com água e sabão
- Retirar o lixo antes que se acumule, para evitar o risco de contaminação.

BANHO

- Ter clareza de que o banho faz parte das necessidades básicas da criança, sendo um momento da rotina que oferece oportunidade de se criar o hábito da higiene, próprio da nossa cultura e fator de socialização.
- Ao tocar a criança, faça-o com carinho e suavidade, permitindo que ela usufrua o contato com a água, brinque, toque e sinta seu próprio corpo.
- Assegurar que o banho na creche aconteça com privacidade e sempre que necessário.
- Considerar o banho como um momento rico em aprendizagem, afetividade e interação, devendo ser agradável, propiciando os cuidados e a higiene do próprio corpo e a maneira correta de fazê-lo.
- Observar e registrar possíveis alterações da pele.
- Lavar a banheira com água e detergente neutro, e em seguida desinfetá-la com solução clorada. A cada banho, organizar todo o material com antecedência, enquanto a criança fica protegida em local seguro, com outro educador.
- Verificar a temperatura da água com a parte interna do antebraço, imergindo a criança gradativamente.

- Contar à criança que ela irá tomar banho.
- Retirar a fralda suja, remover os resíduos com lenços umedecidos descartáveis ou água corrente, antes de colocar a criança na banheira.
- Higienizar os genitais da criança (meninas, de frente para trás, e meninos, abaixando cuidadosamente o prepúcio).
- Secar bem as dobras, espaços entre os dedos, região atrás da orelha.
- Vestir a criança com roupas adequadas ao clima e à atividade posterior.
- Manter toalhas de banho diariamente limpas, secas, separadas e identificadas.

ESCOVAÇÃO DOS DENTES (Foto 15)

- Contar histórias utilizando fantoches ou outros meios, para incentivar a aquisição do hábito da escovação.
- Usar somente a escova, sem creme dental, a não ser por indicação do odontopediatra.
- Observar o tipo da escova da criança, sua conservação e manejá-la com higiene e cuidado.
- Secar as escovas e guardá-las com protetor, de forma individualizada.
- Oferecer a escova, para a criança ir adquirindo o hábito de utilizá-la, porém somente

no momento da escovação.

- Evitar que uma criança utilize a escova de outra, devido ao risco de contaminação, e substituí-la de imediato, caso isso ocorra.
- Chamar as crianças em pequenos grupos, orientando-as sobre a forma correta de escovação.
- Fazer a higiene bucal das crianças do Berçário I com cuidado, utilizando gaze e água filtrada.
- Escovar os dentes dos bebês, após o almoço

SONO E REPOUSO

As crianças do Berçário I não possuem uma rotina de horário de sono e acabam tirando vários cochilos em diferentes momentos do dia. Por isso é preciso estar atento para conhecer e satisfazer as necessidades de cada uma.

O período de sono da criança de Berçário II é por volta de uma hora e trinta minutos e a do Berçário III necessita, em média, de uma hora de sono durante o dia. A organização desse horário deve estar baseada nos desejos e necessidades de cada criança.

Para esse momento acontecer com qualidade é preciso:

- Propiciar um local confortável e seguro para dormir.
- O local deve ser bem arejado, ter temperatura adequada e iluminação amena.
- Procurar manter lugares determinados e fixos para cada criança.
- Colocar músicas clássicas, de ritmos tranquilos, ou cantarolar suavemente uma música, para relaxamento.
- Propiciar um ambiente seguro, não deixando objetos perigosos próximos ao bebê na hora do sono, pelo risco de sufocamento e engasgamento. (Ex. cordão da chupeta, saco plástico).
- Deixar janelas abertas, possibilitando a ventilação no ambiente.
- Ter colchonetes forrados com tecido impermeável que permita limpeza semanal.
- Arrumar o espaço com lençóis limpos e lavados diariamente. Na impossibilidade, cada criança deverá ter o seu devidamente marcado.
- Deixar espaço entre os colchões e colocar as crianças em posição inversa, evitando que respirem próximas às outras, durante o sono. (foto16)
- Propiciar que os bebês durmam em colchonetes ou berços, e jamais em carrinhos e bebê conforto.
- Colocar os colchões ao sol, uma vez por semana.

- Conversar com as crianças, desejando-lhes bom sono.
- Preparar a criança, tirando-lhe os sapatos, acessórios de cabelo e, se necessário, fazendo a troca de roupas e fraldas.
- Estar atenta às necessidades das crianças para adormecer, tais como: chupeta, fralda, carinhos e até mesmo presença da educadora.
- Observar as reações das crianças durante o sono.
- Respeitar o ritmo e a individualidade da criança para que ela acorde à sua maneira.
- Preparar o despertar das crianças, abrindo as cortinas, colocando músicas,...
- Evitar acordar a criança para alimentá-la, oferecendo a refeição após ela despertar.
- Pensar em atividades para as crianças que dormem pouco ou não querem mais dormir.

MOMENTOS APÓS O SONO

Enquanto as crianças acordam, é necessário pensar em atividades que possam realizar com autonomia, pois as educadoras estão neste momento organizando o espaço e trocando outras crianças. Podem ser oferecidos cestos com brinquedos, livros, jogos de montar e outros, enquanto aguardam o despertar de todos os alunos. Sugerimos

atividades em que as crianças possam interagir entre si e com os objetos do ambiente que as cercam, como músicas, danças e atividades nos cantos, como os jogos, casinha, massinha, livros e fantoches. (Foto 17)

ATIVIDADES NA ÁREA EXTERNA

É o momento para se trabalharem as atividades que foram planejadas para o desenvolvimento das habilidades motoras em contextos lúdicos, fora da sala de aula, favorecendo a interação entre os demais educadores da creche e entre as crianças das diferentes faixas etárias.

Para tanto, é necessário:

- Propor diferentes desafios nos espaços externos (solário e parque), através de materiais diferenciados que proporcionem estímulos às capacidades motoras das crianças. (Fotos 18, 19 e 20)
- Possibilitar que o banho de sol faça parte da rotina diária do bebê, nos horários entre 8h e 10h da manhã, devendo ser uma atividade planejada pela educadora, com propostas de atividades significativas, permeadas de ricas interações do bebê com as demais crianças e educadores da creche,



Foto 13 - IMI "João Lopes Simões"



Foto 16 - IMI "João Lopes Simões"



Foto 14 - IMI "Profª. Diméia Maria Ferreira Diniz Endo"



Foto 17 - IMI "João Lopes Simões"



Foto 15 - IMI "João Lopes Simões"



Foto 18 - IMI "Flávio Lenzi"

tais como: músicas, manipulação de objetos, bolinhas de sabão feitas pelas educadoras, evitando a exposição passiva da criança ao sol.

- Orientar as crianças que estiverem brincando no parque com relação aos brinquedos e acompanhá-las para que possam ir adquirindo novas habilidades motoras com segurança.
- Planejar outras atividades nas áreas livres, como no pátio coberto: músicas, balanços, brinquedos, caixas grandes ou túnel de tecidos para entrar e sair, “velotrol”, sucatas, bolas,...
- Promover diferentes interferências no momento do parque, tais como: atividades na casinha, “velotrol”, bolinhas de sabão, dança ao som de músicas, brincadeiras de roda e circuitos,...
- Garantir a segurança da criança na área externa, evitando brinquedos e materiais que ofereçam risco.
- Propor e orientar brincadeiras livres e dirigidas, intervindo, se necessário, e enriquecendo-as.
- Orientar no cuidado com os brinquedos e sua utilização correta, organizando-os com as crianças em seus respectivos lugares, depois de brincarem.
- Orientar quanto ao respeito com os colegas.

MOMENTOS DE RODA

As atividades coletivas devem ser introduzidas gradativamente nos berçários, pois nesta faixa etária é preciso respeitar ainda mais os interesses individuais das crianças. Para as crianças pequenas, na rotina da creche, a roda é um destes momentos. As atividades em roda ampliam a possibilidade da construção do repertório comum e da identidade do grupo, propiciando também o desenvolvimento da oralidade. Para tanto, é preciso:

- Demarcar um espaço permanente onde essas atividades irão acontecer, podendo ser no tatame, tapete ou outro espaço e convidar as crianças a participarem, conversando sobre vários assuntos, introduzidos de acordo com alguma estratégia, como por exemplo: música, saco-surpresa, álbum de gravuras, objetos e outros.
- Manter outros cantinhos à disposição das crianças neste momento, tendo sempre uma educadora para interagir com aquelas que não quiserem participar da atividade proposta na roda.
- Contar histórias com diferentes recursos, através de CD, livro, fantoches, dramatização,...

- Utilizar “saco surpresa” ou “caixa surpresa” (objetos levados pela professora e/ou alunos), para que as crianças possam conversar e descobrir o conteúdo.
- Permitir que as crianças interajam com os objetos ou recursos utilizados.
- Cantar músicas, incentivando as crianças a cantarem e a fazerem gestos.

SAÍDA

O horário da saída deve ser bem planejado, favorecendo um clima de tranquilidade, com atividades que as crianças possam realizar com autonomia, a fim de evitar o tempo de espera ocioso, pois nesse momento a educadora precisa organizar os materiais das crianças e também atender os pais. Uma possibilidade é a organização de Kits de jogos e brinquedos específicos, para serem usados nos momentos de entrada e saída, a fim de diferenciar esses momentos das outras propostas do dia, despertando assim maior interesse nas crianças. Para tanto é necessário:

- Planejar as atividades que as crianças realizam com autonomia no ambiente da sala de aula, enquanto esperam seus responsáveis chegarem.

- Arrumar todo o material da criança: roupas, agenda, remédios, mochila,...
- Atender os pais com atenção e informar se há alguma recomendação especial na agenda.
- Em casos específicos, combinar com a mãe o momento para a conversa particular, evitando constrangimentos tanto para ela como para a criança.
- Arrumar as crianças para a saída, pentear cabelos, trocar fraldas e roupas, se necessário.
- Observar se a pessoa que veio buscar a criança é autorizada. Fixar uma lista com o nome das pessoas autorizadas próximo à porta da sala.
- Despedir-se do bebê de modo afetuoso.
- Registrar na agenda da criança as ocorrências, se necessário.

ORIENTAÇÕES GERAIS

CHUPETAS (Foto 21)

Oferecer a chupeta só quando a criança necessitar, evitando deixá-la dependurada em fraldas ou cordões.

- Providenciar porta-chupetas individuais (potinhos hermeticamente fechados, devidamente higienizados).

- Lavar chupetas e mordedores com água corrente e detergente neutro, antes de guardá-los.
- Providenciar a troca da chupeta, sempre que necessário.

BRINQUEDOS E MATERIAIS (Foto 22)

- Observar se o brinquedo oferece algum risco à criança, por estar quebrado, com pontas, descolado, retirando-o do uso em tais casos.
- Estar atento a objetos perigosos próximo à criança, como sacos plásticos, cordão de chupeta, brinquedos quebrados ou pequenos objetos que possam oferecer riscos de sufocamento e engasgamento.
- Lavar periodicamente os brinquedos com água corrente e detergente neutro.
- Os bichos de pelúcia deverão ser oferecidos limpos e devem ser lavados uma vez por mês.
- Os bichos de borracha deverão ser oferecidos limpos e lavados uma vez por semana, alternando-os.

UTILIZAÇÃO DOS SANITÁRIOS (Foto 23)

- Estabelecer combinados com as crianças e deixá-los expostos nos locais de uso.
- Manter o banheiro limpo.
- Acompanhar as crianças aos sanitários, para que aprendam a se limpar e a lavar as mãos, antes de saírem do local.
- Ensinar as crianças a higienizarem seus genitais (meninas, de frente para trás, e meninos, abaixando cuidadosamente o prepúcio).

AMBIENTE

- Utilizar pantufas (que podem ser de confecção própria), para a permanência na sala de aula, evitando risco de contaminação através dos calçados, pois as crianças dessa idade ficam a maior parte do tempo no chão.
- Manipular alimentos na cozinha ou no lactário, jamais na sala.
- Lavar semanalmente e expor ao sol, com frequência, almofadas, travesseiros, brinquedos de tecido e colchonetes.
- Limpar o chão, durante o dia, sempre que necessário.

Após apresentar orientações que qualificam os diferentes momentos da rotina e sabendo

que ela deve proporcionar diferentes oportunidades de aprendizagem para formação pessoal e social e ampliação do conhecimento de mundo pela criança, discutiremos a seguir a organização dos âmbitos de experiência para a faixa etária de 0 a 3 anos.



Foto 21 - IMI "João Lopes Simões"



Foto 19 - IMI "Joana Mattar de Oliveira"



Foto 22 - IMI "João Lopes Simões"



Foto 20 - IMI "Fátima Aparecida Berthoud"



Foto 23 - IMI "Profª Anjela Maria de Souza Alves"



Âmbitos de experiência

4

FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL

O âmbito de experiência de formação pessoal e social favorece prioritariamente os processos de construção da identidade e autonomia das crianças.

A capacidade das crianças de terem confiança em si próprias e o fato de se sentirem aceitas, ouvidas, cuidadas e amadas são fundamentais para a sua formação pessoal e social como indivíduos. A possibilidade de, desde muito cedo, efetuarem escolhas e assumirem pequenas responsabilidades favorece o desenvolvimento da autonomia, essencial para que as crianças se sintam confiantes e felizes.

O desenvolvimento da identidade e da autonomia estão intimamente ligados aos processos de socialização. Isto pode ocorrer nas instituições de educação infantil que se constituem, por excelência, espaços de socialização, pois propiciam o contato e o confronto entre adultos e crianças de várias origens socioculturais, fazendo desta diversidade um campo privilegiado de experiência educativa. (Fotos 24 e 25)

A formação pessoal e social constitui a base do trabalho com as crianças, perme-

ando todas as atividades permanentes nos diferentes momentos da rotina, através da relação positiva entre adulto e crianças, a organização do espaço, materiais e propostas de atividades.

Brincar também é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e, mais tarde, representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação, atenção, imitação e memória. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais. (Foto 26)

Apresentamos a seguir os objetivos e conteúdos que norteiam o trabalho com a Formação Pessoal e Social da criança, de acordo com os Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil.

OBJETIVOS

- Experimentar e utilizar os recursos de que dispõem para a satisfação de suas necessidades essenciais, expressando seus desejos, sentimentos, vontades e desagrados,

e agindo com progressiva autonomia;

- Familiarizar-se com a imagem do próprio corpo, conhecendo progressivamente seus limites, sua unidade e as sensações que ele produz;
- Interessar-se progressivamente pelo cuidado com o próprio corpo, executando ações simples, relacionadas à saúde e higiene;
- Brincar;
- Relacionar-se progressivamente com mais crianças, com seus professores e com demais profissionais da instituição, demonstrando suas necessidades.

CONTEÚDOS

- Comunicação e expressão de seus desejos, desagradados, necessidades, preferências e vontades, em brincadeiras e nas atividades cotidianas.
- Reconhecimento progressivo do próprio corpo e das diferentes sensações e ritmos que produz.
- Identificação progressiva de algumas singularidades próprias e das pessoas com as quais convive no seu cotidiano, em situações de interação.
- Iniciativa para pedir ajuda, nas situações em que isso se fizer necessário.
- Realização de pequenas ações cotidianas

ao seu alcance, para que adquira maior independência.

- Interesse pelas brincadeiras e pela exploração de diferentes brinquedos.
- Participação em brincadeiras de “esconder e achar” e em brincadeiras de imitação.
- Escolha de brinquedos, objetos e espaços, para brincar.
- Participação e interesse em situações que envolvam a relação com o outro.
- Respeito às regras simples de convívio social.
- Higiene das mãos, com ajuda.
- Expressão e manifestação de desconforto com a presença de urina e fezes nas fraldas.
- Interesse em desprender-se das fraldas e utilizar o penico e o vaso sanitário.
- Interesse em experimentar novos alimentos e comer sem ajuda.
- Identificação de situações de risco no seu ambiente mais próximo. (Brasil, 1998: 27 e 29)

CONHECIMENTO DE MUNDO⁸

O movimento e a linguagem oral estão em pleno desenvolvimento de zero a três anos,

8. Texto elaborado com base no Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil – RCNEI, 1998.

portanto consistem em eixos de conhecimento prioritários. Os demais eixos são de aproximação cultural gradativa (Música, Artes, Matemática, Natureza e Sociedade e Língua Escrita). Os conteúdos dos eixos de conhecimento são trabalhados através de atividades permanentes, sequências de atividades e cantos propostos na sala de aula.

(vide Quadro Curricular)

LINGUAGEM ORAL E ESCRITA

A aprendizagem da fala se dá de forma privilegiada por meio das interações que a criança estabelece desde que nasce. As diversas situações cotidianas nas quais os adultos falam com a criança ou perto dela configuram uma situação rica que permite

a criança conhecer e apropriar-se do universo discursivo e dos diversos contextos no qual a linguagem oral é produzida. As conversas com o bebê nos momentos de banho, de alimentação, de troca de fraldas são exemplos dessas situações. Nesses momentos, o significado que o adulto atribui ao seu esforço de comunicação fornece elementos para que ele possa, aos poucos, perceber a função comunicativa da fala e desenvolver sua capacidade de falar.

É importante que o professor converse com os bebês e crianças, ajudando-os a se expressarem, apresentando-lhes diversas formas de comunicar o que desejam, sentem, e necessitam. Nessas interações, é importante que o adulto utilize a sua fala de forma clara, sem infantilizações e sem imitar o jeito da criança falar.

QUADRO CURRICULAR

BERÇÁRIO I
Formação pessoal e social
Movimento
Linguagem
Música

BERÇÁRIO I I
Formação pessoal e social
Movimento
Linguagem
Música
Artes

A ampliação da capacidade das crianças utilizarem a fala de forma cada vez mais competente em diferentes contextos se dá na medida em que elas vivenciam experiências diversificadas e ricas, envolvendo os diversos usos possíveis da linguagem oral.

O planejamento da ação pedagógica deve contemplar a criação de situações de fala, escuta e compreensão da linguagem. Além da conversa constante, o canto, a música e a escuta de histórias também propiciam o desenvolvimento da oralidade.

Desde os primeiros meses, as crianças estão em contato com a linguagem escrita, por meio de seu ambiente social e descobrem o aspecto funcional da comunicação escrita, desenvolvendo interesse e curiosidade por

essa linguagem e já podem construir uma relação prazerosa com a leitura.

As atividades com práticas de leitura devem estar presentes diariamente na vida do bebê, para que ele desenvolva o gosto pela leitura, e, mais tarde, faça uso de textos verbais com autonomia. A preocupação com o desenvolvimento da leitura de códigos sonoros, visuais, táteis, gustativos, olfativos e do código verbal, oral e escrito, deve ser de todos aqueles que lidam direta ou indiretamente com os bebês.

O professor deve propor inúmeras oportunidades para estimular o gosto pela leitura através do manuseio de livros, materiais impressos e enredos que apresentam objetos e personagens comuns do universo infantil. (Foto 27)

BERÇÁRIO I I I
Formação pessoal e social
Movimento
Linguagem
Música
Artes
Matemática
Natureza e sociedade

MOVIMENTO

As crianças de 0 a 3 anos estão em pleno desenvolvimento motor. No primeiro ano de vida, predominam as capacidades expressivas do movimento, pois são as emoções o canal privilegiado de interação do bebê com o adulto e mesmo com outras crianças. (Foto 28)

Ao lado dessas capacidades expressivas, o bebê realiza importantes conquistas no plano da sustentação do próprio corpo (estabilização), representadas em ações como virar-se, rolar-se, sentar-se, ficar em quatro apoios, ficar em pé com apoio, ficar em pé sem apoio, etc. (Foto 29)

Essas conquistas antecedem e preparam o aprendizado da locomoção. Antes de aprender a andar, as crianças podem desenvolver formas alternativas de locomoção, como arrastar-se ou engatinhar.

Logo que aprende a andar, a criança parece tão encantada com sua nova capacidade que se diverte em locomover-se de um lado para o outro, sem uma finalidade específica. O exercício dessa capacidade, somado ao progressivo amadurecimento do sistema nervoso, propicia o aperfeiçoamento do andar, que se torna cada vez mais seguro e estável, desdobrando-se nos atos de correr, pular e suas variantes.

(Foto 30)

Uma das conquistas mais importantes neste período é a capacidade de preensão, que se aprimora conforme as oportunidades que se oferecem à criança de manipular objetos, realizar atividades diversificadas e

desafiadoras. Ao mesmo tempo que explora, aprende gradualmente a adequar seus gestos e movimentos às suas intenções e às demandas da realidade. O fato de manipular objetos que tenham um uso cultural bem definido não significa que a manipulação se restrinja a este uso, já que o caráter expressivo do movimento ainda predomina. Assim, se a criança dessa idade pode pegar uma xícara para beber água, pode também pegá-la simplesmente para brincar, explorando as várias possibilidades de seu gesto. Há também uma incessante experimentação das propriedades dos materiais, dos objetos e das ações apropriadas. Por esse motivo, a criança parece estar, para um observador menos atento, em uma fase mais destrutiva do que construtiva: esforçando-se para penetrar nos mistérios das coisas, os objetos são sacudidos, dobrados, furados, rasgados. (Foto 31)

MATEMÁTICA

As crianças pequenas estão começando a conhecer o mundo e a estabelecer as primeiras aproximações com ele. As situações cotidianas oferecem oportunidades privilegiadas para a especificidade das idéias matemáticas. As festas, as histórias e principalmente os jogos e as brincadeiras



Foto 24 - IMI "Benedito Carvalho dos Santos"



Foto 25 - IMI "Benedito Carvalho dos Santos"



Foto 26 - IMI "Profª Maria de Lourdes Constantino"



Foto 27 - IMI "Joana Mattar de Oliveira"



Foto 28 - IMI "Joana Mattar de Oliveira"



Foto 29 - IMI "João Lopes Simões"

permitem a familiarização com elementos espaciais e numéricos. Assim, os conceitos matemáticos não são o pretexto nem a finalidade principal a ser perseguida. As situações devem ter um caráter múltiplo, para que as crianças possam interessar-se, fazer relações sobre várias áreas e comunicá-las.

As modificações no espaço, a construção de diferentes circuitos de obstáculos com cadeiras, mesas, pneus e panos por onde as crianças possam engatinhar ou andar – subindo, descendo, passando por dentro, por cima, por baixo – permitem a construção gradativa de conceitos, dentro de um contexto significativo, ampliando experiências.

As brincadeiras de construir torres, pistas para carrinhos e cidades com blocos de madeira ou encaixe possibilitam representar o espaço numa outra dimensão.

Brincar na areia com diversos bichinhos, carrinhos e outros objetos propiciam que as crianças lidem com diversos conceitos matemáticos, como: longe, perto, em cima, embaixo, grande, pequeno,... (Foto 32)

O faz de conta das crianças pode ser enriquecido, organizando-se espaços próprios

com objetos e brinquedos que contenham números, como telefone, máquina de calcular, relógio,...

Festas de aniversário também podem constituir momentos ricos de aproximação com a função dos números.

As cantigas e rimas infantis, envolvendo contagem e números, são excelentes formas de aproximação com a sequência numérica oral.

ARTES VISUAIS

As crianças podem apreciar obras de arte através de leitura de imagens, objetos tridimensionais, podendo ser de pessoas, animais, objetos específicos às culturas regionais, cenas familiares, cores, formas, linhas, à medida em que começam a estabelecer relações com o seu universo. Em se tratando de imagens abstratas, deve-se observar o sentido narrativo que as crianças atribuem a estas imagens e considerá-lo como parte do processo de construção da leitura de imagens.

A utilização de instrumentos, meios (giz de cera grosso, brochas, tintas espessas, massas), e suportes diversos (papelão, sulfitão,

tampas de caixas de sapato, pizzas) para o fazer artístico, deve ocorrer a partir do momento em que as crianças tenham condições motoras para o seu manuseio.

As crianças podem manusear diferentes materiais, perceber marcas, gestos e texturas, explorar o espaço físico e construir objetos variados. Essas atividades devem ser bem dimensionadas e bem delimitadas no tempo, pois o interesse das crianças desta faixa etária é de curta duração e o prazer da atividade advém exatamente da ação exploratória. Nesse sentido, a confecção de tintas e massas com as crianças é uma excelente oportunidade para que elas possam descobrir propriedades e possibilidades de registro, além de observar transformações.

O trabalho com estruturas tridimensionais também pode ser desenvolvido por meio da colagem, montagem e justaposição de sucatas previamente selecionadas, limpas, organizadas, provenientes de embalagens diversas, elementos da natureza, tecidos.

É importante considerar o percurso individual de cada criança, evitando-se a construção de modelos padronizados.

Quando se tratar de atividades de desenho ou pintura, é aconselhável que o professor esteja atento para oferecer suportes variados e de diferentes tamanhos para serem utilizados individualmente ou em pequenos grupos, como panos, papéis ou madeiras, que permitam a liberdade do gesto solto, do movimento amplo e que favoreçam um trabalho de exploração da dimensão espacial, tão necessária às crianças desta faixa etária.

MÚSICA

O ambiente sonoro e a presença da música em diferentes e variadas situações do cotidiano fazem com que os bebês e as crianças iniciem seu processo de musicalização de forma intuitiva. Adultos cantam melodias curtas, cantigas de ninar, fazem brincadeiras cantadas, com rimas, parlenhas, reconhecendo o fascínio que tais jogos exercem. Encantados com o que ouvem, os bebês tentam imitar e responder, criando momentos significativos no desenvolvimento afetivo e cognitivo, responsáveis pela criação de vínculos, tanto com os adultos quanto com a música. Nas interações que se estabelecem, eles constroem um repertório que lhes permite iniciar uma forma de comunicação por meio de sons.

O balbucio e o ato de cantarolar dos bebês têm sido objeto de pesquisas que apresentaram dados importantes sobre a complexidade das linhas melódicas cantaroladas até os dois anos de idade, aproximadamente. Procuram imitar o que ouvem e também inventam linhas melódicas ou ruídos, explorando possibilidades vocais, da mesma forma como interagem com os objetos e brinquedos sonoros disponíveis, estabelecendo, desde então, um jogo caracterizado pelo exercício sensorial e motor com esses materiais. (Foto 33)

NATUREZA E SOCIEDADE

A observação e a exploração do meio constituem duas das principais possibilidades de aprendizagem das crianças desta faixa etária. É dessa forma que poderão, gradualmente, construir as primeiras noções a respeito das pessoas, do seu grupo social e das relações humanas. A interação com adultos e com crianças de diferentes idades; as brincadeiras nas suas mais diferentes formas; a exploração do espaço; o contato com a natureza se constituem em experiências necessárias para o desenvolvimento e aprendizagem infantis.

O contato com os pequenos animais, como formigas e tatus-bolas, peixes, tartarugas,

patos, passarinhos, pode ser proporcionado por meio de atividades que envolvam a observação, a troca de idéias entre as crianças, o cuidado e a criação com ajuda do adulto.

Cuidar de plantas e acompanhar seu crescimento podem se constituir experiências bastante interessantes para as crianças. O professor pode cultivar algumas plantas em pequenos vasos ou floreiras, propiciando às crianças acompanhar suas transformações e participar dos cuidados que exigem, como regar, verificar a presença de pragas, etc.

Para desenvolver noções relacionadas às propriedades dos diferentes objetos e suas possibilidades de transformação, é necessário que as crianças possam desde pequenas brincar com eles, explorá-los e utilizá-los de diversas formas.

O trabalho com as brincadeiras, músicas, histórias, jogos e danças tradicionais da comunidade favorece a ampliação e a valorização da cultura de seu grupo pelas crianças.

As crianças podem vivenciar experiências dos assuntos trabalhados através da ativi-

dade lúdica proposta nos cantos temáticos.
COS. (Foto 34)



Foto 30 - IMI "Joana Mattar de Oliveira"



Foto 31 - IMI "Benedito Carvalho dos Santos"



Foto 32 - IMI "Profa. Maria de Lourdes Constantino"



Foto 33 - IMI "Armilinda Locatelli de Macedo"



Foto 34 - IMI "Marilda F. B. B. Pereira"



Faz de conta

5

Por volta dos 15 meses, as crianças começam a usar os objetos de acordo com seus significados afetivos ou convencionais (o uso da escova para pentear-se, o uso da colher para comer). (Foto 35)

Entre 15 e 21 meses, há uma transformação: a criança realiza ações sobre os objetos imaginários ou então dá um significado incomum a um objeto conhecido. São as primeiras formas do jogo simbólico, a ação do fazer de conta, o uso não literal dos objetos, que vai se tornando cada vez mais complexo, onde as crianças avançam quanto à representação dos substitutos simbólicos e, por volta dos 2 anos e meio, é que se torna mais elaborado e a criança é capaz de construir cenários imaginários no qual dramatiza seqüências de ação sempre mais longas.

O jogo do faz-de-conta⁹ é uma maneira de exercitar e testar o próprio Eu, seja atribuindo algumas de suas partes a outros (brinquedos e colegas), seja imaginando ser um outro, experimentando assim diversas possibilidades de ser. (Fotos 36 e 37)

9. Excerto do capítulo “A evolução lúdica da criança”, in Manual da Educação Infantil de 0 a 3 anos, Bandioli, A & Mantovani, S.

A INTERVENÇÃO DO EDUCADOR NA ATIVIDADE LÚDICA

Sabemos que os bebês aprendem através da exploração e da brincadeira e o papel do brinquedo é guiar a ação lúdica, ajudar a criança a compor a brincadeira, ser os acessórios dela.

Para tanto, criar espaços lúdicos para crianças pequenas parece ser o grande desafio dos educadores que trabalham com essa faixa etária, pois a qualidade das brincadeiras, definida pela importância das relações entre crianças e dos atos adaptados à situação instaurada, depende do material proposto e de sua organização, segundo quatro critérios:

- Disposição lógica do mobiliário lúdico;
- Diversificação dos objetos e dos papéis sugeridos pelo material disponível;
- Presença de um material completo para os roteiros sugeridos;
- Fechamento relativo possibilitando a intimidade da área em relação ao resto da classe (cantos). (Foto 38)

Porém, não basta ter um espaço rico em oportunidades lúdicas, é preciso cuidar

das interações que se estabelecem nesse contexto.

Como interagir de forma lúdica com os bebês que parecem sobretudo necessitar de cuidados físicos, incapazes e inconsistentes na atenção, indecifráveis nas suas manifestações expressivas?

De acordo com Bondioli e Mantovani (1998), é necessário que o educador desenvolva algumas competências que podem ser adquiridas e melhoradas:

- Responder aos primeiros sinais infantis (choro, vocalizações, mímicas faciais) e atribuir a estes um significado, inserindo-os no diálogo a dois; no jogo;
- Observar a interação das crianças que conduz a variações do próprio comportamento em relação aos adultos e aos objetos;
- Criar situações de prazer e ter habilidade ao dirigir a atenção da criança sobre elementos do mundo externo, estimulando os primeiros comportamentos de exploração e manipulação de objetos; (Fotos 39 e 40)
- Introduzir ritmos e regularidades nas atividades compartilhadas, para torná-las compreensíveis e previsíveis para a criança, permitindo sua participação ativa.

- Articular constância e novidades nas propostas lúdicas;
- Demonstrar atenção por todas as manifestações do comportamento infantil, confirmando-as, recuperando-as, estendendo-as, dando-lhes significado e organização;
- Articular um estilo interativo que alterne momentos de confirmação “passiva” (intervenção do adulto apta a permitir as ações da criança, retirando obstáculos ou oferecendo objetos distantes) com momentos de confirmação “ativa”, quando a criança mostra claramente que deseja a atenção e a aprovação do adulto;
- Observar atentamente o andamento da atividade das crianças sem intervir diretamente, manifestando atenção e interesse por suas realizações, respondendo aos seus pedidos através da expressão facial e de uma atitude de disponibilidade que não impede sua aproximação, agindo como uma presença tranquilizadora;
- Ter atenção na progressão evolutiva da criança com quem brinca, para saber reconhecer não somente as atividades lúdicas imediatamente satisfatórias para a criança, mas saber intuir quando a criança está pronta para um salto de qualidade, intervindo com “propostas de jogo inéditas ou mais complexas; (Foto 41)

- Ser um companheiro dócil, capaz de adaptar-se aos papéis e às situações propostas pela criança, e um aliado capaz de inventar jogos novos;
- Ampliar as possibilidades de brincadeiras através do parque, com intervenção entre crianças de diferentes faixas etárias.

Para garantir que as propostas do faz-de-conta se efetivem na prática, é preciso pensar na organização do espaço físico e nos materiais que possibilitarão às crianças inúmeras experiências na composição das brincadeiras.

Apresentamos a seguir referenciais teóricos que fundamentam a importância da organização do espaço e seleção dos materiais.



Foto 35 - IMI "Jesus de Nazaré"



Foto 36 - IMI "Benedito Carvalho dos Santos"



Foto 37 - IMI "João Lopes Simões"



Foto 38 - IMI "Maroca Veneziani"



Foto 39 - IMI "Jesus de Nazaré"



Foto 40 - IMI "Jesus de Nazaré"



Foto 41 - IMI "João Lopes Simões"



Espaço e materiais

6

A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

O termo espaço tem diversas concepções. Para as crianças menores o espaço é tudo, a sala de aula, o lugar onde brincam, se alimentam, dormem, escovam seus dentes. Porém, dois termos são utilizados para fazer referência ao espaço das salas de aula: espaço e ambiente.

De acordo com Oliveira Formosinho (1997), a diversificação de espaços permite à criança experimentar o mundo de diversas perspectivas, fazendo dessas vivências uma aprendizagem ativa.

Para tanto, a sala de atividades deve estar dividida em áreas de interesse bem delimitadas e claramente visíveis. Esta delimitação do espaço pode ser feita através de divisórias baixas, biombos, estantes, fita adesiva, mantas, com o objetivo de dar a conhecer à criança o limite da área. (Foto 42)

Para Hohmann e Weikart (1997), “definir áreas de interesse é uma maneira concreta de aumentar as capacidades de iniciativa, autonomia e estabelecimento de relações sociais das crianças”. (p.165). (Foto 43)

Oliveira Formosinho (1996) também reafirma: “As mensagens pedagógicas passadas quotidianamente pelas áreas de interesse da sala revelam-se indispensáveis, tornando a divisão da sala em áreas um requisito fundamental à vida do grupo, constituindo-se na primeira fonte de intervenção do educador”. (Foto 44)

De acordo com a autora, esta primeira intervenção da educadora facilita-lhe a proposta de atividade e faz com que a criança selecione as atividades face aos seus planos, com vista à resolução dos seus problemas, contribuindo progressivamente para a construção da sua autonomia. “A independência em relação ao adulto é, sobretudo para a criança pequena, uma via face à autonomia” (Oliveira Formosinho, Ibid., p. 158)

Vasconcellos (In Zabalza, 1998) também afirma que um espaço bem montado, no qual esteja organizado um material variado e estimulante, visível e ao alcance das crianças dá a elas muito mais possibilidades de independência em relação ao adulto e de controle do mundo que as cerca, permitindo-lhes escolher, tomar decisões e com isso se auto-afirmarem.

O educador organiza o espaço de acordo com suas idéias sobre desenvolvimento infantil e de acordo com seus objetivos.

O arranjo espacial semi-aberto é uma maneira de organizar o espaço. Nele são utilizados móveis baixos, aproveita-se também a quina de duas paredes ou um desnível do solo, formando cantinhos, que são áreas delimitadas em três ou quatro lados, com uma abertura para passagem onde cabem com conforto seis crianças. É importante que a criança possa ver o educador, pois, até os três anos, ela necessita da proximidade física ou visual de quem cuida dela, para que se sinta segura. Neste tipo de organização, as crianças buscam menos a atenção do adulto, pois passam mais tempo brincando entre si (Zabalza, 1998). (Foto 45)

A organização dos espaços da sala de aula em cantos é importante, porque afeta tudo que a criança faz, interfere na percepção que ela tem da realidade, modifica a maneira como utiliza os materiais, influencia sua capacidade de escolha e transforma as interações com as outras crianças, com os adultos que estão com ela na creche ou na escola e com seus próprios pais. (Fotos 46 e 47)

O educador é extremamente importante no processo de desenvolvimento das crianças. Por isso, é responsável por estruturar e organizar continuamente sua sala, favorecendo, assim, o envolvimento das crianças nas brincadeiras e ficando dessa forma mais disponível para aquelas que procuram interagir com ele. Desse modo, terá mais tempo para observar as ações das crianças e identificar aquelas que necessitam de maior atenção, mantendo com elas um contato mais individualizado, ou mesmo para desenvolver alguma atividade com um pequeno grupo de crianças da sua turma. (Foto 48)

As salas dos berçários devem estar organizadas em cantos de atividade fixos, que periodicamente devem ser alimentados com novas propostas, de acordo com a observação atenta pelas preferências das crianças e os desafios para as diferentes faixas etárias (constância e alternância).

Para organizar os cantos nos berçários é necessário:

- Delimitar áreas em três ou quatro lados, com uma abertura para a passagem das crianças, pois oferecem proteção e privacidade, auxiliam a prestar atenção na

atividade e no comportamento do colega, aumentam a chance de brincarem juntos e de desenvolverem a mesma atividade por mais tempo;

- Prever espaços que dêem oportunidade às crianças de escolherem o que fazer, em que áreas ficar e com quem brincar;

- Organizar a sala prevendo outras áreas que não sejam necessariamente delimitadas em três ou quatro lados, como um lugar confortável e macio para descansar ou ler, com almofadas, tapetes, painéis com gravuras e fotos ao alcance das crianças, cestões com jogos delimitados por tapetes (que podem ser do tipo EVA) ou, a partir do Berçário II, algumas poucas mesinhas e cadeiras, para execução de atividades de colagem, pintura, de lápis e papel, lembrando que estas atividades também devem ser realizadas em outros planos como: papel pardo ou sulfite no chão, na parede, no cavalete, e que o uso das mesinhas e cadeiras deve ser esporádico, a fim de não restringir e conter os movimentos de expressão e exploração das crianças dessa faixa etária, pois haverá ainda muito tempo para usufruir delas; (Foto 49)

- Possibilitar que nesses espaços a criança possa ver facilmente onde a educadora está, caso contrário ela não permanecerá

muito tempo dentro dos espaços organizados;

- Organizar os espaços com vários objetos, materiais ou brinquedos, que as crianças possam utilizar para desenvolver suas brincadeiras;

- Inserir cantos relacionados aos trabalhos dos eixos, como toldos com fantoches, painel com gravuras de animais, caixas com lanternas para brincar de luz e sombra, quadro de ímã, e outros;

- Reorganizar os espaços periodicamente, mudando a estruturação da sala para motivar ainda mais as crianças a interagirem no espaço, com os objetos e com seus companheiros.

O contato da criança com materiais atraentes e diversificados é considerado um permanente desafio educacional, pois “permite a ação independente e estimulante com o mundo físico” (Oliveira Formosinho, 1996, p.67). (Foto 50)

Para as crianças pequenas, nem sempre os jogos e brinquedos industrializados são os mais atraentes e objetos até mesmo de sucatas, com suas diferentes formas, cores, tamanhos e espessuras, tornam-se materiais que despertam grande interesse e estimulam o aprendizado das crianças.

É possível propor cantos simbólicos para esta faixa etária, onde seja possível representar:

- Festas de aniversário;
- Brincadeira de casinha, por exemplo, com canto de cozinha (móveis, utensílios e ingredientes), lavanderia (máquina de lavar, tábua de passar, varal com roupas, ferro), quarto do bebê (banheira, berço, roupas, fraldas, chupeta, bebê conforto);
- Consultório médico (cama, bonecas, estetoscópio, termômetro, uniforme médico);
- Pet-shopping (cachorros, gatos, uniforme de veterinário e outros acessórios médicos);
- Fantasias temáticas (fantasias e máscaras de animais e personagens de histórias).

A SELEÇÃO DOS MATERIAIS

Depois do espaço bem pensado, considerando o desenvolvimento e o interesse das crianças, segue-se a seleção dos materiais que vão preenchê-lo. Tais materiais devem refletir a cultura familiar da criança e toda a cultura envolvente. “Ao selecionarem os materiais, os adultos têm em conta as diferentes culturas das crianças. Os mate-

riais devem refletir a vida do seu dia-a-dia, logo, devem ter em conta os padrões e origens culturais”, (Brickman e Taylor, 1991, p.154) e devem promover a consciência da diferença (Oliveira Formosinho, 1996).

A colocação de objetos e materiais que despertem o interesse e a motivação das crianças contribui para a criação de um contexto de aprendizagem ativa, à medida que oferece à criança oportunidade de manipulação, exploração, uso e partilha e estimula a linguagem expressiva da criança com outra criança e com o adulto. (Fotos 58, 59, 60, 61, 62, 63 e 64)



Foto 42 - IMI “Marilda F. B. B. Pereira”

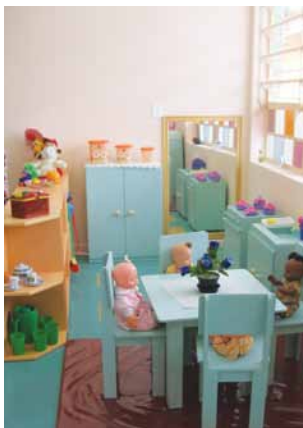


Foto 43 - IMI "Marilda F. B. B. Pereira"



Foto 44 - IMI "Marilda F. B. B. Pereira"



Foto 45 - IMI "Marilda F. B. B. Pereira"



Foto 46 - IMI "Maroca Veneziani"



Foto 47 - IMI "Maroca Veneziani"



Foto 48 - IMI "Benedito Carvalho dos Santos"



Foto 50 - IMI "Armilinda Locatelli de Macedo"



Foto 49 - IMI "Flávio Lenzi"



Foto 58 - IMI "Pousada do Vale"

Com o objetivo de apresentar propostas de intervenções no espaço, articulando os cantos aos âmbitos de experiência e os materiais às possibilidades de composição

dos cantos, considerando a cultura envolvente da criança, organizamos os quadros de referência, a seguir:

QUADROS DE REFERÊNCIA PARA OS CANTOS DO BERÇÁRIO I

Eixo	Canto	Materiais
1. Movimento	1.1 Manipulação (Exploração)	Sucatas Caixas Latas Cestinha, balde com objetos para colocar dentro e fora Chocalhos Móviles Brinquedos sonoros Brinquedos com cheiro Cubos de espuma Boneco inflável (João-bobo) Tapete sensorial Pneu sensorial
	1.2 Estabilização	Barra e espelho Tatame Almofadas Rolo de espuma
	1.3 Locomoção	Túnel (centopeia) Caixas para entrar e sair Tenda suspensa (TNT, tiras, tule) Barra Circuito de espuma
2. Linguagem	2.1 Leitura	Porta livro de tecido ou plástico Livros de tecido, plástico ou pano Livro gigante Tapete temático

Caixa vazada pequena
Garrafas de diferentes tamanhos, com objetos
Dados de pano
Bichos de pelúcia
Potes
Bichinhos de borracha
Piscina ou cabana de bolinhas
Brinquedos de borracha
Carrinhos
Bonecas
Caixas vazadas pequenas
Calça pedagógica

Pneu para sentar
Calça sensorial
Bebê conforto (confeccionado)
Piscina ou cabana de bolinhas

Cabana
Rampa
Bolas de diferentes tamanhos
Bexigas
Carrinho de empurrar

Tapetes e almofadas
Álbum com gravura e fotos
Varal de livros
Mural de fotos

QUADROS DE REFERÊNCIA PARA OS CANTOS DO BERÇÁRIO II

Âmbito/Eixo	Canto	Materiais
1. Movimento	1.1 Manipulação (Exploração e experimentação - colocar, tirar, fixar, bater, atravessar, ...)	Latas Caixinhas encapadas Embalagens Lego gigante Rolos de diferentes tamanhos perfurados Caixas vazadas Potes com tampas de diferentes tamanhos Painéis com zíper, botão, velcro Móviles com elástico para puxar Balde com pecinhas para colocar dentro
	1.2 Locomoção e estabilização	Brinquedos para empurrar e puxar Caixas grandes Rampas Tendas em diversas formas e cores Caixas para entrar e sair Piscina de bolinhas Tatames para rolar
2. Linguagem	2.1 Leitura	Porta-livro de tecido ou plástico Livros de tecido, plástico e capa dura Tapetes de imagens
3. Formação pessoal e social	3.1 Jogo simbólico	Espelho Tapete Bonecas Pista e carrinhos Fantasias e acessórios (bolsas, chapéus, bonés, colares, sapatos...)

Móbile de tampinhas coloridas
Móbile com fios coloridos
Blocos
Objetos sonoros
Objetos com cheiro
Casinha de caixa encapada com tecido
Tubos e cones de linha
Brinquedos de bate-estaca, ampulhetas, vidros com tampas
Caixas com espaços vazados para colocar objetos para chacoalhar

Rolos de espuma ou inflável
Túneis, centopeias
Caixas encapadas cheias de jornal, para subir e descer
Cabanas com tiras, para entrar e empurrar
Blocos de espuma gigante
Escorregador

Livros de histórias
Álbum de fotos de família, das crianças, de imagens do cotidiano, de animais, de obras de artistas, de eventos da creche, de carros, de flores...

Cantos de casinha: dormitório, cozinha, sala.
Fantoques
Fantasias de personagens de histórias
Ferramentas

QUADROS DE REFERÊNCIA PARA OS CANTOS DO BERÇÁRIO III

Âmbito/Eixo	Canto	Materiais / Temas
1. Movimento	1.1 Experimentação (enfiar, atravessar, romper, bater)	Casa de formas Potes com tampas de diferentes tamanhos
2. Matemática	2.1 Construção	Lego com acessórios Ligue-ligue Pinos mágicos
3. Formação pessoal e social	3.1 Jogo simbólico	Casinha (lavanderia, cozinha, quarto, berçário) Consultório médico Mercadinho
4. Natureza e sociedade	4.1 Canto temático (instalação)	Circo Castelo
5. Linguagem	5.1 Leitura	Porta-livros (plástico ou pano) Tapete temático Almofada

Brinquedos construídos com sucatas vazadas para experimentação Caixas vazadas para transvasar, enfiar, romper, bater
Toquinhos de madeira e acessórios que componham a brincadeira (rodinha, homenzinhos, animais). Caixas de diferentes tamanhos
Pet shopping Fantasia (temáticas) Aniversário
Animais (domésticos, da fazenda, marinhos) Projeto “Vida na Roça”
Livros Gravuras (murais, tapete)



Foto 59 - IMI "Pousada do Vale"



Foto 60 - IMI "Jesus de Nazaré"



Foto 62 - IMI "Dom Pedro de Alcântara"



Foto 63 - IMI "Dom Pedro de Alcântara"



Foto 64 - IMI "João Lopes Simões"



Avaliação

7

INTRODUÇÃO

No processo de construção do conhecimento, as crianças utilizam diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de ter idéias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar. Nes-

sa perspectiva, as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui cópia da realidade, mas é fruto de um intenso trabalho de criação, significação e “re-significação”. Deste

AVALIAÇÃO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM¹⁰

Berçário I - Formação Pessoal e Social/Conhecimento de Mundo

ALIMENTAÇÃO

Nome	Tem bom apetite?	Aceita ser alimentado pelas educadoras?	Tem preferência por alguma educadora?
------	------------------	---	---------------------------------------

HIGIENE

Nome	Demonstra insatisfação, quando está sujo?	Aceita com tranquilidade os cuidados da educadora?	Demonstra satisfação no momento do banho?
------	---	--	---

SONO

Nome	Faz uso de objetos de transição para dormir?	Dorme o necessário para o seu descanso?	Apresenta sono tranquilo?
------	--	---	---------------------------

10. Pautas de observação elaboradas com base no Diseño Curricular de Buenos Aires e no capítulo “A avaliação e a observação” do livro Aprender e Ensinar na Educação Infantil, Isabel Solé et al, 1999.

modo, é de fundamental importância que o educador acompanhe o processo de ensino e aprendizagem das crianças. Para isto, deve realizar um diagnóstico dos saberes e utilizar-se de indicadores para avaliar o processo contínuo de aprendizagem das crianças, registrando seus avanços, através

de observação diária em suas atividades e brincadeiras.

Apresentamos a seguir sugestões de pautas de observação para o acompanhamento e avaliação da aprendizagem das crianças.

Aceita alimentação semi-sólida?	Aceita colher?	Aceita novos sabores e consistências?	Está começando a comer sozinho?
O seu despertar é tranquilo?			

Linguagem oral

Nome	Reconhece e responde aos educadores da sala através de sorrisos, brincadeiras e jogos?	Reconhece alguns companheiros da sala?	Expressa suas necessidades e desejos através de gestos, vocalizações, gritos ou choro?	Compreende palavras e frases vinculadas a situações cotidianas?
------	--	--	--	---

Movimento

MANIPULAÇÃO - LOCOMOÇÃO - ESTABILIZAÇÃO

Nome	É ativo e curioso?	Demonstra preferência por algum brinquedo ou objeto?	Explora de forma voluntária os objetos, integra ação de colocar e tirar, sacode, manipula diferentes objetos?	Locomove-se de diferentes maneiras: se arrasta, rola, engatinha ou caminha?
------	--------------------	--	---	---

Música

Nome	Reage e se volta em direção a música?	Acompanha o som produzido pelo adulto através de observação, imitação ou realização de movimentos próprios?	Interage com os jogos verbais e canções, quando está no colo do adulto?	Produce sons com o próprio corpo, com brinquedos e objetos sonoros?
------	---------------------------------------	---	---	---

Atende às solicitações?	Responde, ao ser chamado pelo nome?	Busca brincadeiras de afeto?	Antecipa algumas situações cotidianas frente à presença de objetos, gestos e sons?	Diferencia intenções na fala dos adultos? (tons de voz e expressões)
-------------------------	-------------------------------------	------------------------------	--	--

Reconhece algumas partes do corpo?	Explora e joga com seu corpo?	Sua postura é firme?	Adapta-se a diferentes posições: encostado, de bruços, de barriga para cima, sentado, parado?
------------------------------------	-------------------------------	----------------------	---

Consegue balançar-se percebendo os ritmos?	Reage aos diferentes sons que os materiais produzem?
--	--

Berçário II - Formação Pessoal e Social/Conhecimento de Mundo

ALIMENTAÇÃO

Nome	Tem bom apetite?	Alimenta-se sozinho?	Envolve-se e demonstra satisfação no momento da alimentação?
------	------------------	----------------------	--

HIGIENE

Nome	Comunica quando está sujo?	Começa a controlar os esfíncteres?	Usa o vaso sanitário?
------	----------------------------	------------------------------------	-----------------------

SONO

Nome	Faz uso de objetos de transição para dormir?	Adormece sozinho?	Dorme o necessário para o seu descanso?
------	--	-------------------	---

Avança no manejo dos utensílios de mesa?	Avança na aceitação de diferentes alimentos e sabores?
--	--

Colabora quando é vestida e trocada?	Tira sozinha alguma peça de roupa?	Envolve-se e demonstra satisfação na escovação dos dentes?
--------------------------------------	------------------------------------	--

Apresenta sono tranquilo?	O seu despertar é tranquilo?
---------------------------	------------------------------

Linguagem oral e escrita

Nome	Compreende linguagem vinculada a situações cotidianas?	Diferencia intenções na fala dos adultos? (tons de voz e expressões)	Fala algumas palavras como: papai, mamãe, mamá e papá?	É capaz de expressar suas necessidades com palavras?	Nomeia objetos que lhe são mostrados?
------	--	--	--	--	---------------------------------------

Jogos e brincadeiras

Nome	Demonstra preferência por jogos e brincadeiras?	Faz uso funcional de objetos em suas brincadeiras: dá comida para boneca, usa chapéu, usa pente e outros?	É persistente em seus jogos e brincadeiras?
------	---	---	---

Movimento

MANIPULAÇÃO - LOCOMOÇÃO - ESTABILIZAÇÃO

Nome	É ativo e curioso?	Percebe distintas ações, combina e inventa outras com os objetos, para um determinado fim?	É persistente nas ações de encaixar, enroscar e abrir peças?	Demonstra agilidade em seus movimentos?	Diverte-se com as atividades de movimento?
------	--------------------	--	--	---	--

Manifesta interesse e iniciativa para comunicar-se com outras pessoas?	Reconhece os companheiros da sala? Chama-os pelo nome?	Imita atos de leitura?	Aprecia contos, jogos verbais e canções?	Procura pelo canto da leitura?
--	---	------------------------	--	--------------------------------

Imita sons no desenvolvimento de seus jogos e brincadeiras?	Interage com o educador e companheiros nos jogos e brincadeiras?	Tem iniciativa para brincar?	Observa e imita crianças e adultos?
---	--	------------------------------	-------------------------------------

Explora e brinca com seu corpo?	Caminha com segurança?	Levanta-se sozinho?	É capaz de trepar e escorregar?	É capaz de subir ou descer alguns degraus?
---------------------------------	------------------------	---------------------	---------------------------------	--

Música

Nome	Reconhece as canções trabalhadas e participa com mímicas e movimentos?	Segue o ritmo que escuta?	Alia gestos às músicas?
------	--	---------------------------	-------------------------

Arte

Nome	Aceita experimentar e explorar diferentes meios e suportes?	É capaz de usar, durante pequenos momentos, os materiais propostos?	Agrada-lhe deixar marcas no papel?
------	---	---	------------------------------------

Berçário III - Formação Pessoal e Social/Conhecimento de Mundo

ALIMENTAÇÃO

Nome	Tem bom apetite?	Alimenta-se sozinho?	Envolve-se e demonstra satisfação no momento da alimentação?
------	------------------	----------------------	--

Explora instrumentos musicais?	Imita animais?	Solicita música indicando o aparelho?
--------------------------------	----------------	---------------------------------------

Aceita manusear tintas com diferentes consistências, massinha,...?
--

Sabe utilizar os utensílios de mesa?	Aceita novos alimentos e sabores?
--------------------------------------	-----------------------------------

HIGIENE

Nome	Consegue lavar as mãos e o rosto?	Avança na escovação dos dentes?	Comunica quando está sujo ou molhado?	Tem controle dos esfíncteres?
------	-----------------------------------	---------------------------------	---------------------------------------	-------------------------------

SONO

Nome	Faz uso de objetos de transição para dormir?	Adormece sozinho?	Dorme o necessário para o seu descanso?
------	--	-------------------	---

Linguagem oral

Nome	Participa de diferentes momentos verbais, comunicando-se em diferentes contextos e com diversidade de interlocutores?	Estabelece diálogo durante suas brincadeiras e outras atividades?	Amplia seu vocabulário a partir da incorporação de termos advindos de experiências na sala de aula, por exemplo: nome de cores, sabores, tamanhos, texturas, alimentos, animais?	É capaz de responder perguntas?
------	---	---	--	---------------------------------

Utiliza o vaso sanitário?	Vai sozinho ao banheiro, quando necessita?	Consegue tirar os sapatos e algumas peças de roupas?	Veste-se com ajuda?	Começa a calçar os sapatos?
---------------------------	--	--	---------------------	-----------------------------

Apresenta sono tranquilo?	O seu despertar é tranquilo?
---------------------------	------------------------------

Solicita ajuda verbalmente, quando necessita?	Explica coisas aos adultos e às crianças da sala?	Permanece por mais tempo no canto da leitura?	Participa da escuta de textos literários, demonstrando cada vez mais interesse?
---	---	---	---

Jogos e brincadeiras

Nome	Começa a compartilhar os materiais e brinquedos?	Elege companheiros para os seus jogos e brincadeiras?	Demonstra interesse em aprender novos jogos?	Inclui novos objetos em suas brincadeiras?
------	--	---	--	--

Matemática

Nome	Estabelece relação entre alguma característica do objeto e ações que pode realizar com ele?	Elege um tipo de material em função do que deseja construir?	Identifica algumas posições dos objetos no espaço?
------	---	--	--

Movimento

MANIPULAÇÃO - LOCOMOÇÃO - ESTABILIZAÇÃO

Nome	Avança em atividades de experimentação, encaixa, empilha, atravessa, enfia?	Mostra-se confiante, seguro e interessado frente à proposta de experimentação?	Seus movimentos avançam em segurança e agilidade?	Sobe e desce degraus?
------	---	--	---	-----------------------

Prolonga cada vez mais seu tempo de participação e concentração nos jogos e brincadeiras?	Brinca espontaneamente nos cantinhos de jogos simbólicos?	Desenvolve diferentes jogos simbólicos?	Participa de jogos dirigidos?
---	---	---	-------------------------------

Reconhece semelhanças e diferenças entre os objetos?	Realiza comentários a respeito de suas explorações, por exemplo, pergunta o que é isto, antecipa e fala resultados?	Inclui os números em suas brincadeiras cotidianas?	Compreende os conceitos: dentro/fora, do lado/em frente, acima/abaixo,...?
--	---	--	--

Consegue saltar longe e em profundidade?	É capaz de trepar e escorregar?	Aceita novos desafios?	Caminha levando objetos?
--	---------------------------------	------------------------	--------------------------

Música

Nome	Agrada-lhe escutar canções e músicas?	Reproduz gestos e movimentos com todo ou com parte do corpo?	Alia gestos às músicas?
------	---------------------------------------	--	-------------------------

Artes

Nome	Demonstra curiosidade e interesse pelas propostas de artes?	Agrada-lhe deixar marcas no papel?	Sente prazer nas atividades com água, areia, massa de modelar e tintas espessas?
------	---	------------------------------------	--

Natureza e sociedade

Nome	Mostra-se observadora e faz perguntas sobre os objetos, as situações, as pessoas e os fenómenos?	Agrada-lhe falar das experiências vividas no seu ambiente familiar?	Nomeia e reconhece alguns animais?
------	--	---	------------------------------------

Acompanha o ritmo que escuta?	Canta as canções trabalhadas?	Recorda fragmentos das canções?	Imita e produz diferentes ruídos e sons musicais com objetos ou instrumentos?
-------------------------------	-------------------------------	---------------------------------	---

Discrimina diferentes sensações, a partir da manipulação e experimentação de materiais de arte?	Utiliza diferentes materiais para produzir marcas gráficas?	Explora os efeitos da sua ação em tintas espessas e massinhas caseiras?
---	---	---

Agrada-lhe cuidar de animais e plantas?	Observa e reconhece alguns fenômenos naturais?
---	--

AVALIAÇÃO DA PROPOSTA CURRICULAR PARA O TRABALHO COM OS BERÇÁRIOS

Com o objetivo de garantir a qualidade do trabalho com os berçários, é imprescindível que haja também acompanhamento e avaliação da equipe de liderança da creche em relação às diferentes ações e combinados estabelecidos em grupos de formação com os educadores, para a efetivação da Proposta Curricular.

Para tanto, sugerimos alguns indicadores avaliativos, que contemplam todas as ações (observáveis e não observáveis) que norteiam a aplicabilidade da proposta. As ações observáveis também podem ser transformadas em pautas de observação, pois estas são pontuais e dão maior visibilidade à Equipe de Liderança e aos educadores sobre os aspectos que estão bons e os que precisam ser melhorados na manutenção da proposta.

INDICADORES AVALIATIVOS¹¹

ADAPTAÇÃO

INSCRIÇÃO

- É propiciado um ambiente receptivo, acolhedor, onde são dadas aos pais as informações necessárias?
- É dado aos pais a oportunidade de conhecer o ambiente escolar, caso assim o desejem?
- O ambiente da entrevista promove um momento reservado, evitando constrangimentos em relação às informações dadas pela família?

MATRÍCULA

- É cumprido o cronograma de agendamento?
- É garantido acesso ao regulamento da Unidade Escolar?
- É oportunizado aos pais conhecer o ambiente escolar?

11. Indicadores elaborados pelos Orientadores Pedagógicos e Diretores dos Institutos Materno-Infantis em reunião de formação com as Coordenadoras Pedagógicas, em 09/03/2007.

REUNIÃO DE PAIS DAS CRIANÇAS NOVAS

- É divulgada com antecedência a reunião para os pais das crianças novas?
- O agendamento contempla a necessidade dos pais, garantindo o comparecimento?
- É assegurada durante a reunião interação entre os profissionais que atuarão diretamente com as crianças e os pais?
- A equipe escolar utiliza estratégias que preparam os pais para o período de adaptação, explicando rotina, papel de cada funcionário, combinados?

PLANEJAMENTO DO PERÍODO DE ADAPTAÇÃO COM O GRUPO ESCOLA

- Houve envolvimento do Grupo Escola no planejamento do processo de adaptação?
- As estratégias formativas de estudo, discussão e sensibilização levaram à reflexão e mudança de ação no processo de adaptação?
- Foram elaborados instrumentos de avaliação para o acompanhamento das ações realizadas?

AÇÕES ESPERADAS DA EQUIPE DE LIDERANÇA

- A Equipe de Liderança propiciou momentos com o grupo-escola para planejamento do período de adaptação?
- Houve envolvimento do grupo-escola no atendimento aos pais, bem como na atenção e afetividade com as crianças?
- Os procedimentos estabelecidos desde a matrícula até a entrada da criança contribuíram para a adaptação das famílias e das crianças?
- Foi realizada a avaliação junto aos pais e grupo-escola, logo após o período de adaptação?

AÇÕES ESPERADAS DAS EDUCADORAS JUNTO ÀS CRIANÇAS

- As crianças foram recebidas individualmente e de forma carinhosa pela educadora?
- As educadoras propiciaram um ambiente atrativo e prazeroso para as crianças?
- As educadoras estiveram atentas a ampararem as crianças em suas necessidades físicas e emocionais?
- Foi permitido, e até mesmo incentivado, o uso de objetos transitórios, quando ne-

cessário?

- As educadoras observaram, acompanharam e registraram o processo de adaptação das crianças?
- Foi considerado o período de permanência da criança na escola, levando em consideração as particularidades de cada criança?

AÇÕES ESPERADAS DAS EDUCADORAS JUNTO AOS PAIS

- As educadoras acolheram bem os pais e lhes transmitiram segurança para deixar seus filhos na creche?
- As educadoras deram orientações específicas que ajudaram o processo de adaptação das crianças?
- Foram permitidos o acesso e a permanência dos pais, quando necessário?
- Foi estabelecida relação de confiança entre pais e educadoras?
- Houve participação da equipe da cozinha no planejamento de adaptação?
- As cozinheiras auxiliaram as crianças e atenderam os pais em suas necessidades?

PAUTAS DE OBSERVAÇÃO PARA O PERÍODO DE ADAPTAÇÃO

- Houve envolvimento do grupo-escola no

processo de elaboração das pautas de observação?

- Houve momento para análise dos dados, após o preenchimento das pautas de observação?
- As pautas elaboradas atenderam às especificidades dos pais e crianças no processo de adaptação?
- Foi necessário reestruturar as pautas de observação?

ACOLHIDA DIÁRIA

- O momento da acolhida constitui-se numa oportunidade de troca de informações entre os responsáveis pelas crianças e as educadoras?
- É mantido um adulto de referência para recepcionar os alunos?
- Os alunos são recepcionados com música ambiente?
- Existe preocupação em estabelecer vínculo entre educadora e criança?
- O bebê é recebido com contato físico afetuoso?
- Os alunos que apresentam dificuldades (choram, não querem ficar) recebem atenção especial? Quais?
- Os espaços para acomodar os alunos já estão organizados? Respeitam as diferentes necessidades?

ROTINA

ALIMENTAÇÃO

- A mamadeira está sendo servida, respeitando-se horário e postura física adequados?
- A higiene está de acordo com as recomendações?
- O refeitório está adequado como espaço de alimentação? (iluminação, ventilação, mobiliário, decoração, som ambiente).
- Os utensílios usados são adequados à idade e possibilidade das crianças?
- A possibilidade da criança se alimentar sozinha está sendo respeitada? Ela recebe ajuda quando precisa? Recebe elogios às novas conquistas? Tem liberdade para expressar suas necessidades?
- Há pessoal de apoio no refeitório, para manter a limpeza e a organização?
- As crianças são incentivadas a experimentar novos sabores? Têm o direito de recusar algum alimento que lhes desagrade?
- As crianças são divididas em grupos para se alimentar, de acordo com a necessidade?
- As crianças têm conhecimento do cardápio do dia?

- Os educadores orientam quanto à utilização correta dos utensílios?
- Foram respeitados os combinados estabelecidos com as crianças para manutenção e limpeza dos refeitórios, de acordo com a faixa etária?
- Todas as refeições são realizadas no refeitório da Unidade Escolar?

HIGIENE

A EDUCADORA:

- Propicia momentos ricos de interação, afetividade e aprendizagem, ao realizar procedimentos de higiene?
- É afetuosa, mantém contato visual com o bebê nos momentos de troca?
- Organiza antecipadamente os materiais necessários para a troca do bebê?
- Organiza o espaço da troca, tornando-o acolhedor e interativo?
- Utiliza os procedimentos necessários para garantir a limpeza do local e dos materiais utilizados pela criança?
- Mantém um padrão de higiene pessoal antes do contato com a criança?
- Está atenta às possíveis alterações físicas da criança?
- Tem cuidado com os materiais de uso

pessoal da criança? Dá as devidas orientações aos pais, quando necessário?

- Procura alternativas para que esse momento seja o mais tranquilo possível?
- Orienta e auxilia as crianças nos procedimentos de higiene pessoal?
- Organiza um ambiente com boas condições para a higienização das crianças?

SONO E REPOUSO

- O espaço de descanso possui som ambiente, iluminação e ventilação adequada?
- A limpeza dos colchões e a troca dos lençóis são feitas diariamente?
- Os objetos perigosos e pontiagudos estão longe do alcance das crianças?
- Existe cuidado em verificar a presença de insetos no ambiente de descanso?
- O espaço entre os colchões é suficiente para a circulação da criança?
- As crianças são colocadas no colchão em posição inversa, para evitar contato respiratório?
- É garantido espaço para as crianças que não estão dormindo realizarem atividades?
- No momento do sono, é garantido o

mesmo local para a criança dormir?

- São tirados os sapatos, acessórios de cabelo e, se necessário, feita a troca de roupas ou fraldas?
- As necessidades das crianças para adormecer, como chupeta, fralda, carinho, presença da educadora, são atendidas?
- O sono da criança é respeitado, esperando-se que a mesma acorde para alimentá-la?
- São observadas as reações da criança durante o sono, principalmente quando ela está em acompanhamento médico ou sofreu uma queda?
- A criança é despertada com as cortinas sendo abertas, música ambiente e carinho?

ORGANIZAÇÃO DOS CANTOS

ASPECTO FÍSICO

- O espaço da sala de aula está organizado em cantos?
- Os cantos estão de acordo com o quadro de referência?
- A disposição dos cantos favorece a autonomia dos alunos e a observação da educadora?

MATERIAIS

- Os materiais são atrativos e adequados à faixa etária?
- Estão limpos e são seguros?
- Os materiais estão de acordo com o canto proposto? Oferecem diferentes possibilidades de ações e desafios variados?
- Os materiais estão organizados esteticamente?

INTERVENÇÃO DA EDUCADORA

- Há intencionalidade nos cantos propostos? São planejados?
- Existem constância e novidade nos materiais oferecidos às crianças?
- A quantidade de materiais oferecida é suficiente e facilita a interação das crianças?
- O material atende as necessidades e interesse dos alunos?
- O tempo de permanência dos materiais nos cantos é adequado para exploração?
- O material oferecido é rico em oportunidades lúdicas?
- Há intervenção do adulto nas ações dos alunos?
- Há inter-relação entre os educadores?
- Existem envolvimento e incentivo às crianças durante as brincadeiras?
- As educadoras propõem novas maneiras de exploração dos objetos?

- As educadoras “re-significam” as ações das crianças?

ÁREA EXTERNA

- A área externa oferece segurança?
- Existe planejamento para as atividades da área externa?
- Os brinquedos estão dispostos de forma adequada no espaço?
- Existem brinquedos com possibilidades de uso para diferentes idades?
- Os materiais propiciam ricas oportunidades de aprendizagem para as crianças?
- Os brinquedos estão em bom estado de conservação?
- Os brinquedos estão sempre limpos?
- As professoras oferecem atividades, como músicas, balanços, brinquedos, caixas grandes ou túneis de tecido para entrar e sair, velotrol, bolas, sucatas, carrinhos de puxar, bolas?
- As professoras fazem intervenções pontuais quanto ao tipo de brincadeiras, “re-significando” as falas das crianças?
- As professoras enriquecem as formas de brincar das crianças, oferecendo fantasias, panos, papéis celofane, ajudando-as na elaboração do faz de conta?
- As crianças estão sempre acompanhadas pelas educadoras?

MOMENTOS DE RODA

- Há um lugar delimitado para os momentos de roda?
- O local da roda é aconchegante e atraente?
- O momento de roda acontece sempre no mesmo espaço?
- São propiciados momentos de interação entre as crianças e a educadora?
- A educadora “re-significa” a fala das crianças?
- As educadoras observam as crianças que não interagem e buscam novas estratégias para inseri-las na conversa?
- São oferecidos outros cantinhos para as crianças que não querem participar da atividade proposta na roda?
- A educadora utiliza diferentes estratégias para contar histórias? (livros, fantoches, caixa-surpresa, outros materiais)
- A educadora permite que as crianças manipulem os materiais trazidos por elas?
- Ao contar histórias, a professora envolve as crianças com falas adequadas à história, canta, faz gestos, coloca entonação na voz, estimulando seus alunos no desenvolvimento da oralidade e imaginação?
- Todas as educadoras da sala estão envolvidas na atividade proposta na roda?

SAÍDA

- As atividades planejadas para este momento proporcionam a autonomia do aluno no ambiente da sala de aula?
- O material da criança está organizado?
- A criança está arrumada?
- Os pais são atendidos com atenção e informados quando há algum acontecimento ou recomendação especial?
- Os casos específicos são tratados com discrição?
- Quando necessário, é agendado um momento para atendimento aos pais?
- Existe a preocupação em verificar se a pessoa que veio buscar a criança está autorizada?
- A educadora despede-se do bebê de forma afetuosa?
- As ocorrências do dia são registradas na agenda, quando necessário?

ORIENTAÇÕES GERAIS

- Chupetas e escovas de dente são armazenadas e cuidadas, segundo os critérios de higiene?
- Bichos de pelúcia e de borracha são limpos e lavados com frequência?

- Os brinquedos seguem as normas de segurança, evitando riscos para a criança no seu manuseio?
- Os ambientes são mantidos limpos e organizados para a utilização das crianças?
- Almofadas, travesseiros, brinquedos de tecido e colchonetes são expostos ao sol freqüentemente?

PAUTAS DE OBSERVAÇÃO

Apresentamos alguns exemplos de pautas de observação elaboradas com base nos dados observáveis que compõem os indicadores avaliativos.

Rotina

ALIMENTAÇÃO

UE DATA	A mamadeira está sendo servida, respeitando-se horário e postura física adequada?	A higiene está de acordo com as recomendações da Proposta Curricular para Berçários (PCB)	O refeitório está adequado como espaço de alimentação? (iluminação, ventilação, mobiliário, decoração, som ambiente).
------------	---	---	---

ALIMENTAÇÃO

UE DATA	As crianças são incentivadas a experimentar novos alimentos? Têm o direito de recusar algum alimento que lhes desagrade?	As crianças são divididas em grupos para se alimentar, de acordo com a necessidade?	As educadoras orientam quanto à utilização correta dos utensílios?
------------	--	---	--

SONO E REPOUSO

UE DATA	O espaço de descanso possui som ambiente, iluminação e ventilação adequadas?	O espaço entre os colchões é suficiente para a circulação da criança?	As crianças são colocadas no colchão em posição inversa, para evitar contato respiratório?
------------	--	---	--

Os utensílios usados são adequados à idade e possibilidade das crianças?	A possibilidade da criança se alimentar sozinha está sendo respeitada? Ela recebe ajuda quando precisa? Recebe elogios às novas conquistas? Tem liberdade para expressar suas necessidades?	Há pessoal de apoio no refeitório, para manter a limpeza e a organização?
--	---	---

Todas as refeições são realizadas no refeitório da Unidade Escolar?	Outras Observações
---	--------------------

Existe planejamento de atividades para os que não dormem ou dormem pouco?	Outras Observações
---	--------------------

SONO E REPOUSO

UE DATA	São tirados os sapatos, acessórios de cabelo e, se necessário, feita a troca de roupas ou fraldas?	As necessidades das crianças para adormecer tais como: chupeta, fralda, carinho, presença da educadora, são atendidas?	O sono da criança é respeitado, esperando-se que ela acorde para ser alimentada?
------------	--	--	--

Organização dos cantos

INTERVENÇÃO DO EDUCADOR

UE DATA	Há intencionalidade nos cantos propostos? São planejados?	A quantidade de materiais oferecida é suficiente e facilita a interação das crianças?	O material atende as necessidades e interesse das crianças?	O material oferecido é rico em oportunidades lúdicas?
------------	--	---	---	---

São observadas as reações da criança durante o sono, principalmente, quando ela está em acompanhamento médico ou após uma queda?	A criança é despertada com as cortinas sendo abertas, música ambiente e carinho?
--	--

Existe envolvimento e incentivo às crianças durante as brincadeiras?	Os educadores propõem novas maneiras de exploração dos objetos?	Os educadores “re-significam” as ações das crianças?	Outras observações
--	---	--	--------------------

ASPECTO FÍSICO / MATERIAIS

UE DATA	O espaço da sala de aula está organizado em cantos?	Os cantos estão de acordo com o quadro de referência?	A disposição dos cantos favorece a autonomia dos alunos e a observação da educadora?	Os materiais são atrativos e adequados à faixa etária?
------------	---	---	--	--

Organização do espaço

HIGIENE

UE DATA	São asseguradas condições de higiene no momento em que se serve a fruta?	O trocador está forrado?	Há móveis no espaço de troca das crianças?
------------	--	--------------------------	--

HIGIENE

UE DATA	O acondicionamento das chupetas segue as normas de higiene do PCB?	O acondicionamento de escova de dentes e pentes segue as normas de higiene?	A limpeza e organização dos sanitários está adequada? (banheiro não é depósito)
------------	--	---	---

Estão limpos e são seguros?	Os materiais dispostos estão de acordo com o canto proposto, oferecem diferentes possibilidades de ações e desafios variados?	É esteticamente organizado, colorido e bonito?	Os materiais como: carrinho, cadeirão e berço estão sendo utilizados adequadamente?
-----------------------------	---	--	---

Há utilização de luvas para trocar os bebês?	Os materiais de higiene para troca estão acessíveis?	Há lixeira específica para as fraldas?	A organização das toalhas de banho está adequada?
--	--	--	---

A organização do espaço para o sono segue as orientações do PCB? - Lugares determinados e fixos para cada criança - Manipulação e acondicionamento adequado de lençóis e colchonetes.	Há preocupação em higienizar o chão, para organizar o espaço do sono?	Os espaços e materiais estão sendo utilizados adequadamente (carrinho, cadeirão, berço)?
---	---	--

ÁREA EXTERNA

UE DATA	A área externa oferece segurança?	Há utilização de diferentes espaços, solários, parque, etc?	Os brinquedos estão bem distribuídos de modo a aproveitar todo o espaço e favorecer a composição de brincadeiras?
------------	-----------------------------------	---	---

ÁREA EXTERNA

UE DATA	Há materiais atraentes que ampliam as capacidades motoras possibilitadas em sala de aula, tais como: balanços, brinquedos, caixas grandes ou túneis de tecido para entrar e sair, velotrol, bolas, sucatas, carrinhos de puxar, etc?	As educadoras fazem intervenções pontuais quanto ao tipo de brincadeiras, “re-significando” as falas das crianças?	As educadoras enriquecem as formas de brincar das crianças, oferecendo fantasias, tecidos e acessórios?
------------	--	--	---

Existem brinquedos com possibilidades de uso para diferentes idades?	Os brinquedos estão em bom estado de conservação?	Os brinquedos estão limpos?
--	---	-----------------------------

As crianças estão sempre acompanhadas pelas educadoras?	Outras Observações.
---	---------------------



Desafios e conquistas

8

DESAFIOS E CONQUISTAS NA ARTE DE CUIDAR E EDUCAR OS BEBÊS

A arte de cuidar e educar os bebês não é uma tarefa fácil, pressupõe muitos desafios, mas também muitas conquistas... Veremos a seguir alguns relatos de professores, orientadores e coordenadores pedagógicos que revelam este percurso.

AS EXPECTATIVAS

“Minha chegada ao berçário I no ano de 2004 foi permeada por uma série de dúvidas e ansiedades. Afinal, quem está de fora, tem a visão de que o berçário é só brincar e cuidar, e que não há nenhum objetivo pedagógico, pois antes de conhecer de perto este trabalho, também pensava assim.

No meu olhar, então, havia solicitações de ajuda, de apoio, sentia que estava falhando em não poder acompanhar profundamente o trabalho na sala de aula e não conseguir fazer intervenções pontuais. Queria compreender como os bebês enxergavam o mundo para possibilitar atividades adequadas ao seu desenvolvimento.

Quanto aos meus olhos que solicitavam ajuda, era o reflexo de “dez pares de olhos”, (número de bebês atendidos no berçário ano passado) que me olhavam todos os dias também ansiosos de crescimento, que pareciam me questionar. Nesse momento do registro procuro me ver dentro daquela sala e minhas indagações. Afinal, qual era o meu papel? Como fazer a diferença no período da rotina em que eu estava presente? Quem eram as crianças donas de “pares de olhos” que me deixavam tão ansiosa? Quais as setas norteadoras para o trabalho? Onde me embasar teoricamente?

Mas para conter um pouco minha ansiedade fui trabalhando a questão do tempo, no sentido de também me adaptar a essa nova situação...

Passei então a observar cada vez mais os bebês, principalmente o campo de visão deles e pude acreditar que na altura deles, vêem apenas adultos se movimentando trazendo a alimentação, fazendo as trocas, enfim, sentada no chão, percebia que só haviam paredes, pernas, pouco de vida, não é?

Na minha altura não, eu vejo pela janela que há pessoas, flores, movimento. O que

fazer por eles? Propiciar situações mais prazerosas e um ambiente que atendesse aos seus desejos e necessidades, era a saída. A sala que só possuía uma série de berços e carrinhos, um tapete com uma caixa amontoadas de brinquedos, possibilitava pouco as descobertas nessa faixa etária.

A introdução até aqui feita é de uma professora que muito queria aprender para poder contribuir no desenvolvimento significativo de dez crianças que foram a nós confiadas.

Com o apoio e incentivo da orientadora pedagógica, fiz uma reestruturação do plano anual de linguagem e movimento, que possibilitou clareza de objetivos, facilitando a mediação, produzindo acompanhamento do processo e aprendizagem significativa dos bebês.”

(R. S. - Professora do Berçário I.)

OS DESAFIOS E INCERTEZAS....

“Trabalhei anteriormente em escola particular e não tinha um estudo específico da faixa etária, era preciso dar muitas atividades no berçário para justificar as grandes listas de materiais pedidas aos pais.

Agora que estou na Rede Municipal e faço HTC tenho maior clareza do que é trabalhar no berçário e se tenho dúvida tenho a quem recorrer. Antigamente as pessoas só colocavam os bebês em escolas ou creches porque precisavam, hoje se coloca porque se sabe que lá a criança aprende.”

(R. M. - Professora de Berçário há um ano.)

“Antes eu achava que no berçário era tudo muito “solto”, as atividades eram muito “livres”. Agora eu sei o que trabalhar.”

(S. M. - Professora de Berçário há um ano.)

“Antes eu não tinha clareza de como deveria ser organizada a sala de aula, achava que o professor era o centro da atividade e que as crianças tinham que ficar junto dele. Fui fazendo algumas intervenções no espaço e propondo atividades, mas “achando” que poderia dar certo, sem ter certeza de nada, o que deu certo em um dia poderia não dar no outro.”

(L. M. - Professora de Berçário há sete anos.)

“Ao refletir sobre a nossa prática pude perceber o quanto a rotina das atividades do berçário estava bastante fragmentada, ou seja, dividida em vários tempos de 30 minutos, cada qual com uma proposta de atividade diferente, dirigida pelo professor, sendo a maioria proposta de trabalho coletivo, com uma única atividade, organizada numa sala ampla e com materiais fora do acesso das crianças. Esse tipo de organização não respeitava os interesses individuais tão característicos dessa faixa etária e dificultava a observação e o acompanhamento do desempenho das crianças, além de favorecer o espontaneísmo, pois quando uma atividade terminava antes do horário previsto era preciso improvisar para que as crianças não ficassem ociosas.”

(M. H. - Professora de Berçário há doze anos.)

“As atividades estavam mais voltadas para o trabalho que era realizado com os infantis. Aos poucos fomos tendo uma maior clareza do que é a proposta específica para o trabalho com os berçários e esse ano, apesar de estar com professores novatos, consigo visualizar e entender a proposta de trabalho em cantos na prática e tenho

maior conhecimento e segurança para intervir pontualmente junto aos professores, conseguindo uma maior articulação prática-teoria. Ainda tenho algumas dúvidas na hora de pensar sobre a prática, mas creio que já avancei muito nesse sentido.”

(L. M.- Orientadora de Creche há três anos.)

AS CONQUISTAS

“Os estudos, as trocas de experiências, a reflexão e a socialização da prática feita nos encontros de formação específica, nos embasaram com novos conhecimentos para repensarmos a nossa rotina. Hoje sabemos o quanto é importante que ela não seja mais fragmentada numa série de atividades coletivas e sim organizadas com propostas diversificadas em cantos de atividades, com materiais ao alcance das crianças a fim de que elas possam explorá-los autonomamente com auxílio do professor nos pequenos grupos, oportunizando assim maior interação entre os pares e entre os educadores, além do maior acompanhamento e observação das crianças, respeitando as individualidades ao oferecer opção de escolha nas diferentes propostas organizadas

com variedade de materiais que permitem às crianças construir conhecimentos através da exploração e da brincadeira.”

(M. H. - Professora de Berçário há doze anos.)

“Os estudos nos HTC específicos para professores de berçários, sem dúvida nenhuma, foi um grande avanço, as coisas ficaram mais claras, saímos dos erros e tentativas e fomos descobrindo como os bebês aprendem e a importância da organização do espaço físico em cantos de atividades.”

(L. M. - Professora de Berçário há sete anos.)

“O HTC específico para o berçário e as estratégias formativas com foco na prática, como a tematização” foram os grandes avanços.”

(C. M. - Professora de Berçário há sete anos.)

“Saber que a criança pequena também aprende, não é somente cuidado.”

(S. M. - Professora de Berçário há um ano.)

“O aprofundamento de uma proposta específica para faixa-etária, as assessorias externas, as sugestões bibliográficas e sobretudo as reuniões de formação específicas para as orientadoras de creche são os grandes avanços dos últimos anos.”

(A. L. - Orientadora de Creche há quatro anos.)

“A organização do espaço para atender aos interesses da faixa etária, trabalho alinhado dentro no setor (professor e auxiliar de desenvolvimento infantil), avanços nas pesquisas sobre a faixa etária e como consequência, maior quantidade de material sobre o trabalho a ser desenvolvido.”

(C. M. - Orientadora de Creche há seis anos.)

“A integração no trabalho realizado pela creche e pré-escola, o olhar específico para a faixa-etária e a sistematização da proposta de trabalho com os berçários.”

(F. Q. - Coordenadora Pedagógica há quatorze anos.)

“Nos últimos anos houve bastante investimento em cursos e materiais para as

creches, aprendemos mais sobre a faixa etária, sobre cuidar e educar e houve melhoria nas reuniões de pais, o que resultou num aumento significativo da participação dos pais.”

(C. M. - Professora de Berçário há quatorze anos.)

“O uso de pautas de observação, registros e avaliação, têm ajudado muito a direcionar o trabalho do professor para a faixa etária.”

(M. F. - Professora de Berçário há um ano.)

“A ampliação dos conhecimentos em relação à faixa etária com os HTCs específicos, os planejamentos e as pautas de observação.”

(F. S. - Professora de Berçário há quatro anos.)

“Maior clareza em relação à proposta de trabalho com o berçário, os HTCs específicos, o trabalho com os cantos de atividades, a aquisição de materiais, as reformas

das creches, e o maior entendimento em relação ao trabalho com os cuidados.”

(C. S. - Coordenadora Pedagógica há seis meses.)

“A ampliação da literatura específica da área de atuação com essa faixa etária, pois antigamente o que existia era somente no campo da psicologia (desenvolvimento infantil). A mudança de concepção em relação ao trabalho da auxiliar de desenvolvimento infantil, que deixou de ser vista somente como “cuidadora” das crianças para também “educadora” e para isso tem-se investido na sua formação continuada, não é só o professor que educa, todos cuidam e educam, não são ações separadas.”

(L. C. - Professora de Berçário há dez anos.)

“A formação específica para a faixa etária e o acompanhamento da prática, através de tematizações e sobretudo a observação in loco, em contexto.”

(F. Q. - Coordenadora Pedagógica há quatorze anos.)

O PARCEIRO MAIS EXPERIENTE....

“Cabe ao educador preparar esse espaço lúdico e enriquecedor, e participar das propostas juntamente com as crianças para observar, intervir e mediar as relações interpessoais e com objetos, tão fundamentais na construção de conhecimentos. Desse modo acredito que estamos avançando rumo a oferecer cada vez mais uma educação de qualidade e que realmente atenda as necessidades específicas das crianças pequenas.”

(M. H. - Professora de Berçário há doze anos.)

“O ambiente que oferecemos às crianças deve ser tranquilo, afetivo e estimulante, pois isso influencia na sua formação, ou seja, na pessoa que ela vai tornar-se. Por isso é tão importante gostar de estar com as crianças e saber como elas aprendem.”

(L. C. - Professora de Berçário há dez anos.)

“Afetividade, cuidados que envolvem tanto a atenção como as necessidades básicas das crianças, ter um olhar individual para

cada criança, ter um certo conhecimento da faixa etária buscando saber como trabalhar com essa criança, como ajudá-la em seu desenvolvimento psicoafetivo, cognitivo e social.”

(A. L. - Orientadora de Creche há quatro anos.)

“A afetividade e o conhecimento do desenvolvimento dessa faixa etária, para poder intervir e realizar propostas adequadas. Reconhecer a importância de observar e registrar as ações das crianças, para poder conhecê-las e atender as especificidades de cada uma delas e refletir sobre a sua prática.”

(C. M. - Orientadora de Creche há seis anos.)

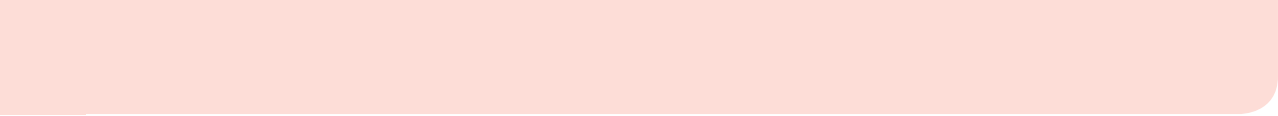
“Com certeza o acompanhamento da prática pelo Orientador Pedagógico, como um parceiro mais experiente, através de instrumentos que auxiliem o professor a avaliar tanto as crianças como a sua prática (tematização, planejamento e reestruturação de acordo com a observação em sala, pauta de observação, elaboração e reestruturação de atividades para cada nível de conhecimento, devolutivas de regis-

tros diários, dando sugestões de melhoria no trabalho realizado, a busca de fundamentação teórica, focando o que se quer e principalmente respeitando o conhecimento desse educador para poder atuar junto com ele através de cumplicidade), são essenciais nessa articulação, porém é importante reconhecer que o aperfeiçoamento da prática é um processo muitas vezes demorado.”

(C. M. - Orientadora Pedagógica de Creche há seis anos.)

“O papel do orientador pedagógico é imprescindível na mediação dessa articulação teórico-prática, ele precisa atuar junto com o professor, sentir as diferentes necessidades de seu grupo para fazer intervenções que ajudem o professor a avançar em sua prática e conseqüentemente obter bons resultados na aprendizagem dos alunos.”

(C. S. - Coordenadora de Creche em seu primeiro ano.)





Considerações finais

9

Os estudos e reflexões para a elaboração da “Proposta Curricular para os Berçários” forneceram a possibilidade de se pensar numa intervenção formativa e orientaram seus conteúdos. A autonomia, a socialização, a capacidade de construir o mundo, explorando-o, e o atendimento às necessidades de afeto são aspectos de uma nova imagem da primeiríssima infância.

A formação específica para professores de berçários sem dúvida foi um grande passo rumo à tão necessária articulação entre saber e competência, porém esta contribuição, para tornar-se efetiva, não pode caminhar sozinha e, nesse sentido, verificamos a necessidade de:

- Buscar um alinhamento de concepções entre todos os envolvidos direta e indiretamente no processo de formação de professores, principalmente quando se trata de uma Rede de Ensino;
- Articular, na formação dos formadores, estratégias de acompanhamento de suas práticas, a fim de subsidiar suas ações junto aos professores e assumir a parceria no complexo processo de construção de conhecimento;
- Acompanhar a prática docente através de estratégias formativas que transcendam

os espaços das reuniões de formação, tais como: observação da prática pedagógica; leitura e devolutiva de registros diários; auxílio nos planejamentos; elaboração de propostas de atividades; análise das produções dos alunos; elaboração conjunta de estratégias de acompanhamento, registro e avaliação dos alunos, entre outras;

- Sistematizar os conhecimentos adquiridos, documentando todo o processo de construção do saber, propondo alternativas de ações transformadoras articuladas e coerentes entre saberes e competências.

Como avanços nesse percurso, podemos ressaltar:

- A realização de formação específica para educadores de Berçário;
- A utilização de estratégias formativas, com o foco mais voltado para a prática;
- O investimento crescente da Secretaria Municipal de Educação nos últimos anos, para a consolidação da proposta pedagógica para o Berçário, através de assessorias externas, cursos específicos para professores e educadoras, materiais de boa qualidade e adequados à faixa etária, bem como as reformas das creches, priorizando o espaço pensado e organizado pela proposta pedagógica;

- A realização de reuniões de formação específica para orientadoras de creche;
- O investimento na formação de todas as educadoras da creche;
- O alinhamento de concepções entre todos os envolvidos direta e indiretamente no processo ensino-aprendizagem das crianças pequenas;
- A elaboração da Proposta Curricular para Berçários.

Nossas reflexões evidenciaram, mais uma vez, a importância do acompanhamento da prática, a fim de estabelecer relações entre a formação de formadores realizada pelas coordenadoras pedagógicas e a formação de professores, realizada pelas orientadoras pedagógicas, avaliando acima de tudo os impactos na prática do professor e no contexto educacional como um todo.

Considerando que os professores precisam ter ajuda para melhorar sua prática quanto ao “o que” e ao “como” fazer e que ao orientador compete identificar que ajuda ele pode dar, tanto em termos de conteúdos, como em termos de estratégias, cabe à Coordenadoria Pedagógica ampliar os observáveis dos orientadores para que percebam “o que” e “como” eles podem ajudar,

tendo em vista que todo esse movimento de desenvolvimento de competências profissionais deve estar articulado ao contexto real de trabalho.

Pautada, sobretudo nos avanços e conquistas revelados em nossos estudos e reflexões, nossa motivação pessoal nos fez iniciar este caminho e certamente nos permitirá continuá-lo, na busca permanente de construção de saberes.

BIBLIOGRAFIA

BONDIOLI, A. & MANTOVANI, S. Manual de Educação Infantil de 0 a 3 anos. São Paulo: Ed. Artmed, 1998.

BRASIL, Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, Brasília: MEC, 1998.

BRAZELTON, T.B. Momentos decisivos no desenvolvimento infantil. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1994.

BROUGÈRE, G. Brinquedo e Cultura. São Paulo: Ed. Cortez, 1997.

CARMICHAEL, L. Manual de Psicologia da Criança, 1ª ed. São Paulo: Ed. E.P.U., 1975.

EDWARDS, C; GANDINI, L & FORMAN, G. As Cem Linguagens da Criança. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1999.

FARIA, R. Creche e Família: Seus tropeços e Avanços na busca de um caráter educativo. Guarulhos: Ed. JC, 1999.

FERREIRA, M. C. R. (Org.). Os fazeres da Educação Infantil. 6ª ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2003.

FORMOSINHO, J. O. (Org.). Infância e Educação: Investigação e práticas. Portugal: Porto Editora, 2002.

FORMOSINHO, J. O. Modelos Curriculares para a Educação da Infância. Portugal: Porto Editora, 1997.

GALVÃO, I., Henri Wallon: Uma Concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1995.

GANDINI, L. & EDWARDS, C. Bambini: A Abordagem Italiana à Educação Infantil. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2002.

HOFFMANN, J. e SILVA, M. B. G. Ação educativa na creche. São Paulo: Ed. Mediação, 1993.

HOHMANN, M., e WEIKART, D. Educar a Criança. Lisboa: Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

JACOB, S. H. Estimulando a mente do seu bebê. São Paulo: Ed. Madras, 2002.

LEVY, J. O despertar para o mundo nos três primeiros anos de vida. 2ªed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1993.

LÉZINE, I. Psicopedagogia da Primeira Infância. Lisboa: Ed. Dom Quixote, 1964.

OLIVEIRA, Z. M. R. (Org.). Educação Infantil muitos olhares. 5ªed. São Paulo: Ed. Cortez, 2001.

RIZZO, G. Creche: organização, currículo, montagem e funcionamento. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2000.

SANCHES, E. C. Creche: realidade e ambigüidades. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003.

SOLÉ, I. et Al. Aprender e Ensinar na Educação Infantil. Porto Alegre: Ed. Artmed, 1999.

VYGOTSKY, L. S. A Formação Social da Mente. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1988.

ZABALZA, M. A. Qualidade em Educação Infantil. Tradução Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Ed. Artmed, 1998.



Cidade de
São José dos Campos
Prefeitura Municipal